



PUC  
RIO

IDENTIFICAÇÃO E IDENTIDADE  
numa perspectiva psicanalítica

DULCE DE QUEIROZ CAMPOS DANTAS

Tese de Mestrado  
em Psicologia

Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1974.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

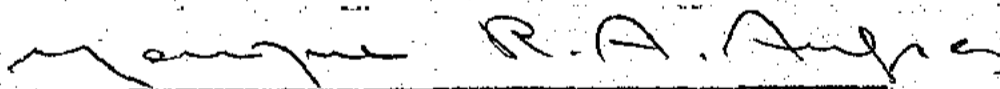
IDENTIFICAÇÃO e IDENTIDADE numa perspectiva  
psicanalítica

por

Dulce de Queiroz Campos Dantas

Tese submetida como requisito parcial  
para a obtenção do grau em

MESTRE DE PSICOLOGIA TEÓRICO-EXPERIMENTAL



Dra. Monique Augras

Orientadora da tese.

Rio de Janeiro, 02 de agosto de 1974.

UC. 19492-8



UC  
31316

150

D 192

TESE UC

À professora Monique Augras, pela  
dedicação e interesse com que ori-  
entou este trabalho.

Ao Departamento de Psicologia da  
PUC - RJ, o meu reconhecimento.

À Universidade Federal de Pernambu-  
co os meus agradecimentos pelo a-  
poio que me possibilitou a realiza-  
ção deste estudo.

Ao meu marido  
e ao meu filho

## SUMÁRIO

Neste trabalho, utilizamos as contribuições de FREUD sobre o estudo da identificação, com o objetivo de responder à indagação referente ao modo como o indivíduo vem a se tornar uma pessoa em particular, conservando seu sentimento de mesmidade de um lado, e sua continuidade cultural, de outro.

Procuramos captar as diferenças e as semelhanças entre os conceitos de Identificação em FREUD e de identidade em ERIKSON e seus seguidores.

Ao estudar os dois fenômenos - identificação e identidade - apreendemos as convergências e as divergências conceptuais, seja ao tomá-los como processos, seja quando os consideramos como estruturas. A identidade se processa pela identificação. Trata-se de processos intermínaveis, no sentido absoluto do termo. O indivíduo está, portanto, sujeito a re-identificações que, por sua vez, determinam a emergência de novas estruturas de identidade.

Enquanto a identificação se opera através de introjeções, a identidade resulta da oposição a identificações anteriores. O processo é dialético. Internamente, também se verifica uma oposição: plasmatividade e seletividade presidem a construção das identificações, da identidade.

de e da educação - tomados como processos e estruturas análogos.

A cada momento do ciclo vital, a identidade pode ser apreendida e avaliada, tal o seu aspeto estrutural. Ao longo do curso evolutivo, pode ser renovada e modificada; esse o seu aspeto de processo.

A identidade corporal e sexual são tomadas como a base das demais identidades parciais, tendo, a sociedade ocidental oferecido, aos estudos de FREUD, pautas culturais para a distinção entre conduta masculina e feminina.

Não encontramos descontinuidade entre os estudos de identificação em FREUD e os de identidade em ERIKSON. Vimos, pelo contrário, uma complementação, como se identificação e identidade representassem os extremos de uma mesma escala, dentro de uma abordagem psicanalítica.

## RÉSUMÉ

Notre travail part de l'étude de l'identification selon Freud, afin de comprendre comment on arrive à devenir un individu singulier, conservant son sentiment de continuité personnelle et culturelle.

Nous avons cherché à appréhender les points communs et divergents entre le concept d'identification de Freud et celui d'identité, dû à Erikson et son école.

La rencontre et la divergence des concepts se révèle dans l'étude des deux phénomènes - identification et identité - pris comme processus ou comme structures. L'identité s'établit au moyen de l'identifications. Ce sont des processus interminables, au sens précis du terme. L'individu est donc sujet à des ré-identifications successives qui font à leur tour émerger de nouvelles structures d'identité.

Tandis que l'identification se fait au moyen d'introjections, l'identité résulte de l'opposition à des identifications antérieures. Le processus est dialectique. La même opposition se vérifie au niveau interne: modelage et sélectivité président à la construction des identifications, de l'identité et de l'éducation - entendus comme processus et structures analogues.

A chaque moment du cycle vital, l'identité peut



être appréhendée et jugée, sous son aspect structural .  
Suivant son évolution, elle peut être renouvée et modifiée; ceci étant son aspect de processus.

L'identité corporelle et sexuelle est entendue comme base des autres identités partielles; de ce point de vue, la société occidentale aurait offert à Freud des normes culturelles pour distinguer conduite masculine et féminine.

Nous n'avons vérifié aucune discontinuité entre les études d'identification de Freud et celles d'identité de Erikson. Bien au contraire, nous avons observé une complémentarité comme si identification et identité représentaient les extrémités d'un continuum, sous l'angle d'une conceptualisation psychanalytique.

IDENTIFICAÇÃO e IDENTIDADE numa perspectiva  
psicanalítica

INTRODUÇÃO	.....	1
CAPÍTULO 1.	Origem psicanalítica do conceito ....	5
1.1	Identificação como processo e como es- trutura .....	5
1.2	Tipos de identificação .....	17
1.2.1.	Identificação primária e identifica- ção secundária .....	17
1.2.2.	Identificação introjetiva e identifi- cação projetiva .....	22
1.2.3.	Identificação com o agressor .....	29
1.2.4.	Identificação centrípeta, centrífuga e recíproca .....	34
CAPÍTULO 2.	Da identificação à conquista da iden- tidade .....	
2.1.	O problema da identidade .....	36
2.2.	Vínculo de integração da identidade..	50
2.2.1.	Vínculo de integração espacial e iden- tidade corporal .....	51
2.2.2.	Vínculo de integração temporal e sen- timento de mesmidade .....	58

2.2.3	Vínculo de integração social e identidade sócio-cultural .....	62
CONCLUSÃO	.....	88

## INTRODUÇÃO

Este trabalho procura situar o pensamento de FREUD, relativo ao fenômeno da Identificação, implícito ou explícito nas suas obras originais.

Os conflitos intra-psíquicos, que se exacerbam em determinadas fases evolutivas, em particular, a adolescência - podem explicar-se como resultantes de dificuldades do indivíduo na formação do eu. Essas dificuldades estão sendo relacionadas com o fenômeno da identificação, considerado como fazendo parte do processo de constituição e de diferenciação da personalidade e desempenhando, conforme observa FREUD, importante papel na pré-história do complexo de Édipo e na conquista da identidade individual.

Retomando a letra de FREUD, partimos da concepção de identificação como a forma mais primitiva de ligação afetiva, através da qual o indivíduo absorve as qualidades do objeto para constituir a sua personalidade.

A introjeção se verifica com relação a qualidades do objeto amado ou não-amado, independentemente da atitude libidínica para com a pessoa copiada. Quer se trate da identificação centrífuga, centrípeta ou recíproca, o sujeito pode introjetar ou projetar um traço comum, não necessariamente sexual, de um indivíduo ou das várias "almas coletivas constituintes da "massa". Tal introjeção não impede a pessoa identificada de atingir um certo

grau de originalidade e de independência.

O estudo da identificação segue uma linha evolutiva, partindo das relações mãe-filho às relações nitidamente objetais, das identificações primárias às identificações secundárias, da hierarquização e diferenciação progressiva das identificações para as estruturas de identidade.

No complexo de Édipo situa-se o protótipo das identificações posteriores, a partir da identificação com o pai do mesmo sexo. Esse processo se desenvolveria até o momento do descarte de certos aspectos desta identificação, com a conseqüente renúncia do objeto de amor. O medo à castração e a inveja do penis marcariam a suspensão do conflito, quando os impulsos sexuais entrariam em latência.

Nesta mesma linha desenvolvimentista, a adolescência se apresenta como uma estrutura mais definida e estável de personalidade, conseguida à custa de re-identificações progressivas e seletivas.

Finalmente, procedemos a um estudo da concepção freudiana de identificação - incluindo as pseudo-identificações - a qual pode conduzir a um processo patológico. Havendo simplesmente uma repressão do complexo edipiano, ao invés de também a sua destruição ou desaparecimento, a patologia se manifestará. No caso, o complexo subsistirá inconscientemente, podendo, ulteriormente, manifestar sua ação patógena.

Observamos, no curso do processo da identificação, o sujeito experimentando conflitos intra-psíquicos, sob a forma de ambivalência - hostilidade mesclada de carinho, angústia solícita e obsessiva - para manter a corrente in-

consciente contrária.

Esses conflitos - frutos de dificuldades sofridas no processo de identificação - assumem um colorido mais forte em todas as épocas de maior esforço do eu na integração ou recusa de modelos. Tudo isso ocorre, sem perda da personalidade anteriormente auto-percebida através da imagem especular.

A fim de ilustrar nossa posição, aludimos a casos concretos de conflitos de identificação no curso evolutivo, especialmente na adolescência.

Remontando às sociedades primitivas e chegando à sociedade moderna, ressaltamos o momento crucial - individualização versus socialização, em que a tônica de tais conflitos se torna mais evidente e com repercussões manifestas.

Após os confrontos dos conceitos de Identificação e de Identidade, procuramos encontrar um ponto de convergência entre ambos, e distinguir as várias formas de identidade - sexual, social, ocupacional, etc. - estabelecidas ao final da adolescência, bem como as variáveis intervenientes na configuração de pseudo-identidades.

As aplicações práticas sentir-se-ão ao longo do trabalho, de modo por vezes implícito, no que se refere à importância do fator cultural na formação do eu - assimilação, acomodação, interação, aculturação.

Essa influência sócio-cultural far-se-á notar nas reações do indivíduo, na escolha de papéis a desempenhar, sempre de acordo com a concepção de um Ego Ideal coletivo.

Disto resulta a discutibilidade da catalogação em comportamento normal e patológico, na adolescência porque, nesta fase etária, os conflitos de identificação e de identidade, embora mais gritantes são eminentemente transitórios.

Conseqüentemente, indicamos uma metodologia em que a identificação será tomada como início de um processo conducente à identificação como termo, obtido dinamicamente e seletivamente; que esse termo poderá servir, depois, de partida para as re-identificações, ainda segundo um processo dinâmico.

## Capítulo 1.

### Origem psicanalítica do conceito de Identificação

#### 1.1. Identificação como processo e como estrutura

Uma indagação encontra em FREUD amplo campo de reflexões: é a que se refere ao processo pelo qual um indivíduo vem a se tornar uma pessoa em particular, mantendo seu auto-mesmo, de um lado, e a continuidade no seu grupo cultural, de outro (p. 1) <sup>62</sup>. Tal estudo encontra seu respaldo no problema da identificação.

De início, teríamos que considerar os múltiplos aspectos da identificação, uma vez que se trata de um processo de "assemelhação" com um aspecto parcial da personalidade, isto é, o indivíduo procura "tornar-se como" uma parte de outra pessoa tomada para modelo.

Assim, poderíamos falar de uma identificação sexual, ocupacional, corporal, etc. e, em consequência o mesmo faríamos para nos referir ao termo ou resultado deste processo. No caso seria, identidade sexual, ocupacional, corpórea, etc.

Como adverte SCHECTER (p. 5) <sup>62</sup>, o processo de assemelhação física ou psíquica poderia ocorrer, não apenas através da identificação, mas por outros fenômenos tais como a hereditariedade, o mimetismo, a imitação, o contágio afetivo, a empatia e a sugestão.

Entretanto, no caso da identificação observa-se um relacionamento emocionalmente significante entre o sujei



to e a pessoa introjetada. Portanto, não se devem excluir aspectos de imitação, contágio e empatia no mecanismo da identificação.

O caráter afetivo da identificação é visto por FREUD como traço essencial da definição deste fenômeno tal como poderemos ler no seu estudo específico, em "Psicologia das Massas":

"... La identificación es conocida en psicoanálisis como la manifestación más temprana de un enlace afectivo a otra persona, y desempeña un importante papel en la prehistoria del complejo de Edipo. El niño manifiesta un especial interés por su padre; quisiera ser como él y reemplazarlo en todo. Podemos, pues, decir que hace de su padre su ideal". (p. 1137) 15

Poderíamos, então afirmar que a identificação se distingue da imitação pelo fato de que identificação é uma imitação inconsciente, enquanto imitação é uma cópia consciente (p. 76) 68

Quando uma criança brinca com revólveres, ou representa atitudes "sisudas", diante dos seus companheiros de brinquedo, ou alimenta as bonecas, ou procura vestir-se como determinadas pessoas, geralmente o pai do mesmo sexo, ela está "imitando". Essas atitudes podem, em parte, introjetar-se e passar a fazer parte do "modo de ser" da criança. Tratar-se-á não de simples imitação, mas já estaremos às voltas com o mecanismo da identificação.

"... Así, pues, la identificación es una simple imitación, sino una apropiación basada en la misma causa etiológica, expresa una equivalencia y se refiere a una comunidad que permanece en

en lo inconsciente". (0.331) 26.

A necessidade de identificação ocorre geralmente em relação a pessoas merecedoras de admiração ou revestidas de autoridade e poder. Isto se verifica também nas sociedades de tipo primitivo, estudadas por FREUD:

"... En los sucesos solemnes, tales como el nacimiento, la iniciación de los adolescentes y los entierros, se exterioriza en palabras y actos esta identificación con el totem..." (p. 475) 22.

O conceito de identificação, além dos acima mencionados, é encontrado, bem anteriormente, em Cartas de FREUD dirigidas a Wilhelm Fliess:

"... Mi último resultado es la explicación del espasmo tónico histérico: es la imitación de la muerte con rigidez cadavérica, es decir, la identificación con un muerto. Si la paciente tuvo oportunidad de ver un cadáver, yace con los ojos vidriosos y la boca abierta; de lo contrario, queda simplemente acostada, calma y apacible..." (p. 227) 13

Nos seus "Manuscritos", também desta mesma época, 1897, encontramos na epígrafe

"Multiplicidad de las personas psíquicas" além da nota de pé de página

"Evidentemente, una anticipación del concepto de superyo"

a seguinte afirmação

"... El hecho de la identificación quizá permita admitir literalmente esta frase..." (p. 234) 14.

Os casos das personalidades múltiplas, das quais já falaram BINET e JANET (p. 618) 40, são considerados por FREUD "casos" de identificação. O ego resultante das cargas abandonadas de objeto, já uma vez cindido, apresentaria

novas cisões das partes subdivididas.

\* \* \*

Ao definir a identificação como a forma mais primitiva de enlace afetivo a um objeto, FREUD está se referindo ao processo de identificação primária, ao modo pelo qual o sujeito se constitui tomando outro como modelo. Este tipo de identificação difere das identificações secundárias, que não apenas são posteriores cronologicamente às primárias, mas se estabelecem a partir de uma relação objetiva propriamente dita.

O tipo de ligação que a criança mantém com a mãe, anterior à diferenciação do ego e do alter ego, poderia melhor ser definido como "incorporação". Seria difícil relacionar à identificação primária, estados absolutamente indiferenciados e não objetivos (p. 192)<sup>49</sup>. Esta identificação, de tipo incorporativo e não introjetivo, que faz parte da prehistória pessoal, em que se toma o pai como ideal ou protótipo, não é considerada por FREUD como expressão da identificação primária. Poderíamos apenas falar de uma relação simbiótica também nos casos em que a criança toma a mãe como uma continuação de si própria e só a percebe quando esta lhe satisfaz as necessidades e está presente.

Não podemos saber exatamente quanto tempo a imagem de uma pessoa, necessária ou amada, persiste depois de satisfazer as necessidades de um bebê. Tudo indica que o tempo de permanência da imagem gratificadora aumenta com a

idade, pois sabemos que, na infância mais tenra, qualquer ausência prolongada da mãe provavelmente significará seu desaparecimento total. Sabemos, também, que esta ligação mãe-filho pode estender-se até a vida adulta, tomando-se ambos como prolongamentos das próprias personalidades. Em tais casos, a dependência é mútua.

Constata-se que o ser humano precisa de outro para que o seu desenvolvimento emocional, social, intelectual se processe satisfatoriamente. E a maturidade consiste não apenas na independência mas num relacionamento interdependente. A esse propósito se pronuncia FAIRBAIN:

"... El desarrollo del yo está caracterizado por un proceso en el que un estado original de dependencia infantil basado en la identificación primaria con el objeto, es abandonado en pro de un estado de dependencia adulta madura basada en la diferenciación entre el objeto y uno mismo..." (p. 164) 8.

A transição do estado de dependência infantil para o estado de dependência madura corresponde a um movimento contínuo, permanente, de reajustamento ou busca de equilíbrio.

"... O desenvolvimento, portanto, é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior"... A forma final de equilíbrio atingida pelo crescimento orgânico é mais estática que aquela para a qual tende o desenvolvimento da mente..."

"... Cada estágio é caracterizado pela aparição de estruturas originais, cuja construção o distingue dos estágios anteriores. O essencial dessas construções sucessivas permanece no decorrer dos estágios ulteriores, como subestruturas, sobre as quais se edificam as novas

características". (p. 11) <sup>56</sup>

Podemos considerar as identificações como estruturas relativamente estáveis - o "caráter do eu" - o resíduo das cargas de objeto abandonadas ou a modificação do caráter anterior ao abandono ou perda do objeto (p. 1199) <sup>30</sup>.

As identificações teriam papel fundamental na criação das estruturas do eu, algumas das quais se originariam de um conflito intra-psíquico - por exemplo, as identificações com o agressor.

"... Hay estructuras innatas y estructuras adquiridas; aparatos de autonomía primaria y secundaria"..  
 "... Es evidente, empero, que las estructuras-medios surgidas o utilizadas en el curso de una batalla defensiva contra los impulsos o en el curso de la solución de un conflicto, pueden - y a menudo ocurre así - sufrir un "cambio de función" y convertirse en medios de acción y de adaptación al servicio del yo. Se las denomina estructuras de autonomía secundaria". (p. 68) <sup>58</sup>

Poder-se-ia falar, portanto, de estrutura "aberta" e afirmar que, por conta das identificações como processo, novas modificações estruturais vão ocorrer sempre numa linha de maturidade desejável. Caberia uma analogia entre a educação como processo e como resultado - a educação in fieri e a educação in facto esse. O educando apresentando-se inicialmente em um estado não-educado, por assimilação progressiva dos padrões educativos vai se re-estruturando e se diferenciando. Estruturas mais educadas vão emergindo e englobando as assimilações anteriores, segundo o velho princípio de conservação da matéria - "nada se perde mas

tudo se transforma".

O padrão educado é sempre relativamente estável para cada estágio do desenvolvimento. Os estímulos dos contextos externo e interno vão sendo assimilados "seletivamente", assim como as identificações na teoria psicanalítica. Mas, uma vez integrados, podem ter efeitos realmente "plasmáticos", que marcam o indivíduo com o selo da tradição e da cultura.

Essa plasmaticidade é o que vai garantir a continuidade de valores, a permanência de atitudes em uma família, em uma geração, em uma comunidade. Em certo sentido, podemos afirmar da educação como do processo de identificação: garantem e uniformizam traços, atitudes, valores. Mas, porque são processos dinâmicos, educação e identificação, possibilitam sempre a "passagem" de um estado a outro mais evoluído. E, nesta passagem, as possibilidades inatas influem na seletividade dos estímulos e dos modelos. O educando, em virtude desse processo dialético, no qual se encontra envolvido, desdobra-se em sujeito e objeto da ação educativa; sujeito enquanto seleciona; objeto, enquanto se deixa plasmar. O processo dialético exterior se converte numa dialética interior - algo se constrói dentro do indivíduo, numa linha de cópia e de imitação. Algo, fundamentado nas disposições inatas e individuais, se mantém resistente, operando como se fora um filtro diante das influências externas. À medida que conquista o estágio adulto, o processo torna-se mais seletivo do que plasmático. O indivíduo assume, cada vez mais, a posição de sujeito e converte a educação num processo de auto-desenvolvimento.

Conviria observar, entretanto, que tanto em relação ao processo educativo como em relação ao processo de identificação, a seletividade se faz na dependência dos fatores constitucionais e ambientais. Como já notara FREUD:

"... No es fácil valorar la acción de los factores constitucionales y accidentales en su recíproca relación..."

"... No debera nunca olvidarse que entre unos y otros existe siempre una relación de cooperación y no de exclusión. El factor constitucional debe esperar sucesos que lo hagan entrar en acción, y el factor accidental necesita apoyarse en el constitucional para comenzar a actuar"... (p. 817)

Essas afirmações abrem caminho para se reconsiderar o processo de identificação como um meio pelo qual o sujeito vai conquistando uma personalidade mais estruturada e estável, além de original. Tal processo parece atingir um grau de diferenciação mais nítido na adolescência quando melhor se pode estudar o fenômeno da conquista da identidade.

As identificações apresentadas não são fruto de introjeção de padrões, procedentes apenas do par parental. A identidade é conquistada à custa de várias experiências também com os companheiros, os superiores, com o mundo físico e social que nos cerca. Isto porque

"... cada individuo forma parte de varias masas; se halla ligado, por identificación, en muy diversos sentidos y a construido su ideal del yo conforme los más diferentes modelos. Participa de muchas almas colectivas: la de su raza, su clase social, su comunidad profesional, su estado, etc., y pue-

de, ademãs, elevar-se hasta cierto grado de originalidad y independencia..." (p. 1149) <sup>16</sup>

Como resultado dessa experiência total, o indivíduo estabelece sua identidade em dois ângulos: identificando-se com seu meio social e distinguindo-se dele. Desempehando papéis individuais e sociais, o sujeito vai estabelecendo uma ligação entre esses prismas. E assim, o problema da identidade apresenta também um caráter dialético. Na discussão crítica consigo mesmo, o sujeito procederá a revisões, de modo que padrões introjetados podem ser continuamente expulsos ou reformulados até que surja o momento crucial do processo, que inclui uma tomada de decisão: a conquista da identidade individual, que não é outra coisa senão a oposição a todas as introjeções anteriormente processadas.

É um longo período o que o indivíduo utiliza para a operação de numerosos descartes, que estudaremos mais adiante como "crise de identidade".

Sabemos, entretanto, que esta coletividade pode fazer-se em graus diferentes de consciência, em virtude, como vimos, das disposições potenciais a responderem às estimulações recebidas.

Essa disponibilidade é determinada por fatores constitucionais, inclusive hereditários e por fatores ambientais - o tipo de atitudes das pessoas envolventes, por exemplo.<sup>59</sup> Há casos de pessoas que rompem as expectativas do grupo em que vivem, apresentando um grau de originalidade realmente desafiador, que as tornam figuras de destaque na história do seu tempo.



\* \* \*

Os conceitos de identificação e de identidade são intimamente relacionados, de modo que um só se torna significativo no contexto do outro. Mas essa ligação é complexa. Identificações estáveis não implicam necessariamente um sentido forte de auto-identidade. Uma criança, por exemplo, pode ter conseguido ser uma fiel reprodução dos padrões parentais, no que diz respeito aos valores introjetados e à forma de fazer valer os mesmos, sem maiores conflitos ao nível do superego. E entretanto, apresentar uma fraca identidade. É difícil imaginar um sentido firme de identidade, sem o lastro de identificações básicas relativamente estáveis, embora o conteúdo dessas identificações seja idealmente flexível e aberto a mudanças apropriadas em determinado estágio do desenvolvimento.

Salientando a identificação como um processo de integrações sucessivas, à base de introjeções, assim se pronuncia FREUD:

"... En el curso progresivo de la evolución del niño hasta la edad adulta se va constituyendo una integración cada vez más amplia de su personalidad; esto es, una reunión y una síntesis de las diversas tendencias y aspiraciones desarrolladas en dicha personalidad, independientemente unas de otras. Conocemos ya un proceso análogo en los dominios de la vida sexual, en la que todas las tendencias sexuales acaban por convergir, formando la organización genital definitiva. Numerosos ejemplos ... muestran que la unifi-

cación de yo se halla sujeta a las mismas perturbaciones que la de la libido..." (p. 1124)

Nos seus estudos sobre o estágio do espelho, que se situa entre os seis e os dezoito meses, LACAN considera base das identificações secundárias este momento de encontro da criança consigo mesma através da imagem especular.

Além dos sinais de alegria, ela desenvolve uma série de gestos e atitudes que refletem, no espelho, sua relação com as coisas que a cercam. Percebe a sua unidade corporal como uma "gestalt" e com ela se identifica. As relações intersubjetivas conseqüentes a essa experiência são de caráter imaginário, dual, minado da tensão agressiva, na qual o "si mesmo" é constituído como um "outro" e este "outro" como alter ego.

Seria essa fase posterior à do narcisismo propriamente dito, fase que poderia suscitar imaginariamente as idéias do corpo fragmentado, encontradas nos sonhos e nas alucinações.

Segundo as observações da cura psicanalítica, algumas vezes a angústia de fragmentação aparece em conseqüência à perda da identificação narcísica; outras vezes, dá-se o contrário.

A projeção do "eu" nesta "gestalt" seria anterior à dialética da identificação com o outro e ao estabelecimento da função de sujeito pelo uso da linguagem. Poder-se-ia considerar essa auto-imagem equivalente a do Eu Ideal, que teria por função a normalização da libido, cabendo sempre ao "eu" o êxito das sínteses, por meio das quais procura re

resolver, enquanto "eu", sua discordância com respeito à própria realidade. A visão da "gestalt" - unidade-contorno do próprio corpo - seria inerente à espécie humana e não encontrada nos animais, mesmo aqueles que até esta idade ultrapassam a criança em certos aspectos da inteligência motriz. A "gestalt" teria efeitos formativos na imagem do "eu", assim como ocorre na vida de algumas espécies de pássaros: através do espelho, evoluem de uma conduta solitária a uma conduta gregária; a visão de um semelhante macho ou fêmea, produz o amadurecimento das gônadas. São fenômenos de identificação homeomórfica e de grande importância, segundo LACAN, na formação do sentimento de beleza, além do caráter erógeno que possuem.

O inacabamento das funções nervosas do recém-nato explicaria o fenômeno da imagem no espelho como sendo um momento em que nova maturação possibilita essa experiência de repercussões psico-sociais mais ricas, que é o estabelecimento de uma relação do organismo com a sua realidade. No momento em que termina a fase do espelho, começar-se-ia a observar a identificação com o "imago" do semelhante, o drama dos ciúmes primordiais, a dialética que ligaria o "eu" às situações socialmente elaboradas. A mediação entre o desejo do outro e a rivalidade com o outro que se apresentaria nesta fase, além da maturação natural, iria depender da normalização dessa mesma maturação obtida em maior ou menor grau na vivência do drama edípiano.

Essa imagem especular teria repercussões no desenvolvimento normal posterior do indivíduo e, conseqüentemente, nos processos neuróticos e psicóticos por vezes apresenta-

dos. 48

## 1.2. Tipos de identificação

### 1.2.1. Identificação primária e identificação secundária

Na sua obra "O Ego e o Superego", FREUD assinala a respeito da identificação:

"... Originalmente, en la fase primitiva oral del individuo no es posible diferenciar la carga de objeto de la identificación"... "ET yo, débil aún al principio, recibe noticia de las cargas de objeto, y las aprueba o intenta rechazarlas por medio del proceso de la represión..." (p. 1198)

É possível que esta indiferenciação entre sujeito e catexes do objeto seja a melhor explicação para o estado de dependência em que se encontra a criança. Ela não se sente separada da mãe que a alimenta, do leite que bebe, do cobertor que a envolve, nem do ar que respira. Seu único tipo de relacionamento é aquele de receptividade passiva e da mais absoluta tranquilidade. (Embora FREUD pouco se refira à expressão identificação primária, parece claro que considera este fenómeno ligado à primeira identificação do indivíduo com uma das figuras parentais.)

"... Esta identificación no parece constituir el resultado o desenlace de una carga de objeto, pues es directa inmediata y anterior a la carga de objeto..." (p. 1199)

FAIRBAIN considera o fenómeno da identificação em geral como remanescente da identificação primária, diminuin-

do gradualmente a sensação de unicidade com a mãe. Até então, a dependência apresentada pela criança seria do tipo passivo.

"... En la medida en que podemos imaginar el estado mental del niño antes del nacimiento, debemos considerarlo como caracterizado por un grado tan absoluto de identificación primaria que excluye el que tenga ningún pensamiento de diferenciación del cuerpo materno, que constituye todo su ambiente y todo su mundo de experiencia. El proceso que caracteriza següentemente sus relaciones emocionales da la niñez, parecería representar entonces la persistencia en la vida extrauterina de una actitud emocional existente antes del nacimiento..." (p. 259)

Revivescências desse estado de dependência infantil, marcado pela presença das identificações primárias, fazem-se notar posteriormente e se manifestam todas as vezes em que, numa dificuldade, por exemplo, o indivíduo recorre à ajuda materna. Sempre que as escolhas de objeto pertencentes ao primeiro período sexual, recaem em uma das figuras parentais, o desenlace normal parece conduzir a uma intensificação da identificação primária (p. 1199) <sup>30</sup>.

Um segundo tipo de identificação, o caso mais simples de identificação secundária, se daria no momento em que, desejando a mãe como objeto de amor, a criança se identifica com o pai e o toma para modelo, "quer ser como ele". Durante um certo tempo, a criança não experimenta conflitos e esses dois sentimentos coexistem. Entretanto, quando esses desejos em relação à mãe se acentuam do ponto de vista sexual e o pai se oferece como obstáculo à sua

consecução, o relacionamento da criança (menino) com o pai mescla-se de rivalidade e de hostilidade. E a ambivalência existente desde o início da identificação, exterioriza-se, dando lugar ao conflito edipiano.

"... La conducta ambivalente con respecto al padre, y la tierna aspiración hacia la madre, considerada como objeto, integran para el niño el contenido del complejo de Edipo, simple, positivo ..."  
(p. 1200) <sup>30</sup>

Duas hipóteses podem ocorrer, todavia. Ao chegar à destruição do complexo de Édipo - aos 5 anos aproximadamente - tendo de abandonar a catexes de objeto da mãe, resolve ou identificar-se com ela ou aumentar sua identificação com o pai. Quando ocorre esta última hipótese, mantém-se a relação carinhosa com a mãe (caso do menino) ou intensifica-se sua identificação também com a mãe (no caso da menina). Deste modo, afirma-se a sexualidade masculina ou feminina. Pode, contudo, acontecer que a menina, por exemplo, vendo-se obrigada a renunciar ao pai como objeto erótico, exteriorize os componentes masculinos da sua bissexualidade constitucional e, ao invés de identificar-se com a mãe, identifique-se com o objeto perdido - o pai. A previsão da normalidade do complexo de Édipo, ou seja, o complexo positivo, torna-se mais difícil de ser feita, em virtude dessa bissexualidade. Pode suceder que o menino não apresente apenas uma atitude ambivalente em relação ao pai e uma atitude terna e carinhosa para com a mãe, mas ocorra o inverso - uma atitude carinhosa e feminina com respeito ao pai e uma atitude

hostil e ciumenta em relação à mãe. A investigação analítica revela mais comum a ocorrência de um dos extremos da escala: o complexo de Édipo normal, positivo; ou o complexo invertido, negativo. Com isso não se pretenderia negar outras possibilidades dentro dos extremos da escala. Na liquidação do complexo de Édipo, combinam-se de tal modo suas quatro tendências integrantes que originam uma identificação com o pai e uma identificação com a mãe.

"... La identificación con el padre conservará el objeto materno del complejo invertido. Lo mismo sucederá, mutatis mutandis, con la identificación con la madre. En la distinta intensidad de tales identificaciones se reflejará la desigualdad de las dos disposiciones sexuales..." (p. 1201)

Essas identificações enlaçadas entre si dão lugar ao aparecimento do "eu", constituindo uma parte do seu conteúdo. A outra parte seria constituída não apenas com os restos das primeiras escolhas de objeto do "id" mas dos conteúdos resultantes de uma enérgica formação reativa contra os impulsos do id. Daí a dupla advertência que o superego, parte diferenciada do ego, recebe:

"... Así - como el padre - debes ser", sino que comprende también la prohibición: "Así - como el padre - no debe ser: no debes hacer todo lo que él hace, pues hay algo que le está exclusivamente reservado..." (p. 1201)

Convém observar que a criança, ao reconhecer o obstáculo colocado pelo pai à realização dos seus desejos de posse da mãe, à custa da repressão, sentiu-se obrigada a fortalecer o "eu" para levar a termo a repressão, criando nele, o

obstáculo. A energia exigida para esse trabalho foi tomada emprestada do próprio pai. Daí porque o superego ou ideal do eu sempre refletirá o caráter paterno. E, tanto mais forte a repressão sofrida, mais rígido será o superego, atuando como consciência moral ou como sentimento inconsciente de culpa.

Como processo a ser realizado pelo ego e, pelo fato de se constituir, posteriormente, em conteúdo do superego em formação, a identificação tem levantado dois problemas de interesse psicanalítico. LAGACHE mostrou-se motivado para distinguir o polo das identificações representado pelo "eu ideal" e aquele representado pela dupla "ideal do eu - superego":

"... Le Moi Idéal conçu comme un idéal narcissique de toute puissance ne se réduit pas à l'union du Moi avec le Ça, mais comporte une identification primaire à une autre être, investi de toute puissance, c'est-à-dire à la mère. Le Moi Idéal est encore révélé par des admirations passionnées pour des grands personnages de l'histoire, ou de la vie contemporaine, qui caractérisent leur indépendance, leur orgueil, leur ascendant. La cure progressant, on voit le Moi Idéal s'esquisser, émerger, comme une formation irréductible à l'Idéal du Moi." (p. 256) <sup>49</sup>

O "eu ideal" serviria de suporte às identificações com pessoas importantes e de prestígio. Teria implicações sado-masoquistas, notadamente negando qualquer relação recíproca oposta à auto-afirmação.



### 1.2.2. Identificação introjetiva

LAPLANCHE e PONTALIS procuram distinguir identificação de termos vizinhos, como incorporação, introjeção, interiorização.

Incorporação e introjeção são tipos básicos de identificação, vividos e simbolizados como uma operação corporal. A incorporação é um processo mais ou menos fantástico, pelo qual um sujeito faz penetrar, no interior do próprio corpo, um objeto. Apesar de revestir-se de características do estágio oral, pelo fato de ser pela atividade bucal que se dão as primeiras incorporações, podemos estender o fenômeno de incorporação a outras funções e a outras zonas erógenas. E então falaremos em incorporação anal e genital como as que se fazem por via epidérmica, visual, respiratória, auditiva, etc. (p. 200) <sup>49</sup>.

"... La primera de estas organizaciones sexuales pregenitales es la oral o, si se quiere, canibal. En ella, la actividad sexual no está separada de absorción de alimentos. El objeto de una de estas actividades es también objeto de la otra y el fin sexual consiste en la "asimilación" del objeto, modelo de aquello que después desempeñará un importantísimo papel psíquico como "identificación". (p. 797) <sup>18</sup>

Essa idéia foi bem desenvolvida pela escola kleiniana com a explicitação feita de objeto "parcial", objeto "bom" e "mau". Assim, a criança que mantém em relação a um determinado objeto um sentimento de agressividade, incorpora-o como "mau objeto" e deste modo o objeto fica internalizado, introjetado. A incorporação seria mais primitiva que a intro

jeção.

Segundo LAPLANCHE e PONTALIS (p. 190)<sup>49</sup> a distinção entre identificação e interiorização seria mais complexa, desde que colocaria em jogo opções teóricas, tocando a natureza daquilo ao que o sujeito se assemelha.

"... D'un point de vue purement conceptuel, on peut dire que l'identification se fait à des objets: personne ("assimilation du moi à un moi étranger"), ou trait d'une personne, objets partiels, tandis que l'intériorisation est celle d'une relation intersubjective..."

A propósito das distinções entre interiorização e introjeção:

"... lors du déclin de l'oedipe, on peut dire que le sujet introjecte l'imgo paternelle et qu'il intériorise le conflit d'autorité avec le père..." "...le terme d'introjection est plus large: c'est n'est plus seulement l'intérieur du corps qui est en cause, mais l'intérieur de l'appareil psychique, d'une instance, etc. C'est ainsi qu'on parle d'introjection dans le moi, l'idéal du moi, etc..."

Poder-se-ia dizer, por exemplo, que a relação de autoridade entre o pai e a criança é interiorizada na relação do superego com o ego. Estes processos supõem uma diferenciação estrutural, de níveis intra-psíquicos onde têm lugar as ligações e os conflitos.

Em "Tristeza e Melancolia", FREUD situa a introjeção como um processo geral da identificação.<sup>29</sup>

A introjeção resultaria de

"... la pérdida de la capacidad de elegir un nuevo objeto amoroso -

lo que equivaleria a sustituir el desaparecido" (p. 1067) <sup>29</sup>

Este fenómeno se daría porque

"... La carga del objeto demostró ser poco resistente y quedó abandonada; pero la libido no fue desplazada sobre otro objeto, sino retraída al yo y encontró en este una aplicación determinada, sirviendo para establecer una identificación del yo con el objeto abandonado..." (p. 1070) <sup>29</sup>

"... De este modo se transformó la pérdida del objeto en una pérdida del yo, y el conflicto entre el yo y la persona amada, en una discordia entre la crítica del yo y el yo, modificado por la identificación..." (p. 1070) <sup>29</sup>

O luto seria uma expressão da tristeza do eu em consequência da perda de um objeto amado. Os cerimoniais com os inimigos mortos - ingestão da sua carne, atos de purificação - representam não apenas uma necessidade de identificação, como também revelam a necessidade de "reparação" do eu dividido.

"... E' como se nós reconquistássemos por um lado o que havíamos sacrificado por outro." (p. 106) <sup>45</sup>

Os conflitos e suas tentativas de liquidação processam-se no plano da fantasia, que pode funcionar como um valioso instrumento de re-equilibração psíquica do indivíduo. A ludoterapia, as práticas artísticas, os jogos de modo geral, possibilitam tais "libertações" nesse nível de fantasia. E são altamente terapêuticos, tanto do ponto de vista preventivo, como do ponto de vista curativo. Métodos educativos e métodos psicoterápicos fazem largo uso dessas técnicas.

ção e identificação, no caso, a identificação introjetiva.

Sem forçar uma comparação poderíamos afirmar que a educação, num dos seus ângulos, consiste num processo de identificações introjetivas sucessivas e contínuas. Mais uma vez, acentuamos o caráter plasmático de ambas - educação e identificação introjetiva - o que vai possibilitar o processo de formação do eu com a tônica na socialização.

#### Identificação projetiva

É a escola kleiniana quem mais faz uso dessa expressão - identificação projetiva, dando-lhe características correspondentes ao fenômeno da projeção descrito por FREUD. Seu sentido é de uma rejeição pelo sujeito do que recusa em si como "mau" e projeta noutra pessoa. Além disso, o termo foi introduzido por Melanie KLEIN, em 1946, para designar "uma forma particular de identificação que estabelece o protótipo de uma relação de objeto agressiva". O indivíduo projetaria no corpo da mãe, de modo fantástico, partes "clivadas" de si próprio, de modo a lesá-la e a controlá-la. Este fantasma seria a fonte das angústias equivalentes de sentir-se aprisionado e perseguido no interior da mãe. Ao projetar de si partes tanto boas como más, poderia o "eu" sentir-se depauperado e enfraquecido; assim, o "ideal do eu" poderia tornar-se exterior ao sujeito.

São processos correlatos, introjeção e projeção, sobre os quais diz expressamente Anna FREUD:

"... La introyección y la proyección que nosotros ubicaríamos en una época ulterior a la diferenciación

del yo y del mundo externo - son considerados como los verdaderos procesos sobre los que se desarrolla la estructura del yo y sin los cuales nunca se produciría tal diferenciación..." (p. 74)

FREUD realizou estudos sobre "projeção" desde 1896, descrevendo-a como mecanismo de defesa primária e normal ao desenvolvimento, e consistindo na procura da origem do mal-estar em coisas exteriores ao sujeito.

Em 1915, tratando de um caso de paranóia numa mulher de 30 anos, nela encontra várias vezes o mecanismo de projeção atuando e a ele assim se refere:

"... continuamos extrañando que la sujeto se defiende contra el amor de un hombre por medio de un delirio paranoico..." (p. 990) 19

Em 1922, estudando os mecanismos do ciúme, coincidentemente com a idéia que ainda hoje se tem de projeção, diz FREUD:

"... Sospechamos ahora que hemos descrito muy insuficientemente la conducta del paranoico celoso o perseguido al decir que proyecta hacia el exterior sobre otras personas aquella que no quiere percibir en su propio interior ..." Como tentativa de defensa contra un poderoso impulso homosexual podrian ser descritos (en el hombre) por medio de la siguiente formula: No soy yo quien le ama, es ella..." (p. 1012) 19

A propósito das relações entre o mecanismo de projeção e a homossexualidade, estudando o caso Schreber, (1925) diz expressamente FREUD:

"... A consecuencia de su narcisismo disponente y de su homosexualidad, la mujer celosa acusa de infidelidad

a su marido con todas las mujeres que a ella misma agradan..." (p. 685) 30

Ao invocar a projeção como mecanismo normal do desenvolvimento, FREUD dá como exemplo o fenômeno da superstição. Do mesmo modo, na situação analítica, quando o sujeito atribui ao analista palavras ou pensamentos que, em realidade, lhe pertencem.

O que se nota, nos estudos sobre introjeção e, particularmente, sobre projeção, é uma grande variedade de atribuições deste mecanismo, consoante os mais diversos casos psicopatológicos - histeria, paranóia, melancolia, etc.

"... Esto demuestra que la cronología de los procesos psíquicos constituye uno de los más oscuros sectores de la teoría analítica ... " (p. 73) 9

De qualquer modo, parece haver um ponto comum nos diferentes casos em que esse mecanismo é observado:

"... une bipartition au sein de la personne et un rejet sur l'autre de la partie de soi que est refusée..." (p. 350) 49

Estamos, portanto, tomando a projeção como um tipo específico de identificação, sempre ligado, posterior ou concomitantemente, à introjeção, cujas origens datam de uma época posterior à da diferenciação entre o eu e o mundo externo. Um e outro - introjeção e projeção - possibilitam o desenvolvimento de uma estrutura diferenciada do eu e sem eles nunca se produziria a diferenciação.

A utilização que se faz das técnicas projetivas, pa-

ra situar o conflito do indivíduo a partir de estímulos ambíguos, levará à exteriorização, não apenas daquilo que o sujeito é, mas também do que recusa ser. Ao projetar certos sentimentos no seu analista, isto é, o seu superego, o indivíduo tem a vantagem de aliviar-se do seu combate interior.

Podemos, pois, considerar a projeção como medida de segurança contra sensações de sofrimento ou o medo de ser atacado, desamparado. Os sentimentos ou sensações penosos existentes na mente são expulsos para fora como se fossem estranhos. No máximo, podemos reconhecer essas forças negativas em nós, mas, ao mesmo tempo, admitimos que vieram de fora, devendo retornar ao lugar que lhes compete.

A projeção é, como observa M. KLEIN, a primeira reação do bebê ao sofrimento e permanece como a mais espontânea, diante de qualquer frustração, ao longo da vida (p. 28) <sup>45</sup>. O desenvolvimento mental e o amadurecimento emocional subsequentes permitem-nos, em grau variável, substituir o processo de projeção por outros mais adequados à realidade objetiva.

É comum verificar-se, na vida diária, a expressão "tu quoque", sempre que outra pessoa nos atribui uma qualidade ou ação desagradável.

Ao considerar o fenômeno da morte como controlado por forças espirituais superiores, estaríamos atribuindo a algo externo possíveis sentimentos inerentes às forças de destruição existentes dentro de nós (p. 30) <sup>45</sup>.

Todas as vezes que experimentamos ódio, procuramos descarregá-lo em coisas fora de nós: objetos ou pessoas. Assim, também, de acordo com o velho provérbio inglês, "bate-se na

Ao dividirmos as pessoas em boas e más, agradáveis e desagradáveis, estaríamos tentando isolar e localizar esses sentimentos, impedindo que interfiram um no outro.

"... A ação combinada da introjeção e projeção explica a mudança de uma parte do id em ego; as perturbações nessa interação acarretam um malogro no desenvolvimento ..." "... os mecanismos de introjeção e projeção têm início sob o predomínio dos instintos orais, mas, a partir do propósito corporal primitivo e ego-cêntrico de captar e ejetar (" comer e cuspir"), desenvolve-se o dar-e-receber das relações maduras..." (p. 143-144) 44

### 1.2.3. Identificação com o agressor

Os mecanismos de introjeção e de projeção vinculam-se um ao outro dando lugar à "identificação com o agressor". Ao assumir o papel do agressor, a criança se transforma de pessoa ameaçada em pessoa que ameaça, de uma experiência passiva de quem teme e apenas reage, a uma atitude ativa. A força e intensidade da reação são proporcionais ao sentimento de angústia e de temor da criança amedrontada.

E' comum ver-se a criança introduzir nos seus jogos situações agressivas em que ela assume o papel de agressor: brinca de matar, de espancar, de castigar... Após uma experiência traumática - uma pequena cirurgia, por exemplo, a ausência prolongada dos pais, etc. - a criança poderá levar a jogo os aspectos que mais lhe marcaram na situação, con seguindo revivenciá-la de modo prazenteiro, convertendo sua passividade em atividade, vingando-se de quem a agrediu as-



não houvesse utilizado a expressão posteriormente explicitada por Anna FREUD - identificação ao agressor - abriu caminho para isso ao distinguir defesas dessa natureza em "Mais além do princípio do Prazer:

"... Cuando el médico ha reconocido la garganta del niño o le hecho sufrir alguna pequeña operación es seguro que este suceso aterrador se convertirá en seguida en el contenido de un juego. Mas no podemos dejar de tener en cuenta otra fuente de placer muy distinta de la anteriormente señalada. Al pasar el niño de la pasividad del suceso a la actividad el juego hace sufrir a cualquiera de sus camaradas la sensación desagradable por él experimentada, vengándose así en aquél de la persona que se la infirió".  
(p. 1094) 31

Ao escrever sobre a sexualidade feminina <sup>20</sup>, 1926 - 1931, FREUD refere-se a experiências que evocam uma conduta ativa, embora, de imediato, a criança se comporte passivamente. Corresponderia, tal atitude, a uma tarefa adaptativa em que a criança, procurando melhor manejar o mundo externo, repetiria comportamentos que tenderiam a evitar conteúdos desagradáveis.

Muitas vezes a agressão antecipa uma possível atitude agressiva por parte de outra pessoa. E pode ocorrer que não a desencadeie e que a agressão se desloque para outras pessoas neutras ou para a atividade lúdica. Na situação analítica pode o indivíduo assumir atitudes defensivas dessa mesma natureza e origem.

Anna FREUD reconhece esta "identificação com o agressor" como uma etapa preliminar do desenvolvimento normal do

superego. As crianças que agridem o adulto por antecipação ou que desenvolvem uma cadeia de respostas a atos agressivos análogos, caminham um passo a frente na formação do superego como instância psíquica - internalizando as críticas sobre sua conduta, provenientes do mundo exterior. Essas reiteradas internalizações formam o conteúdo do superego. Para explicar as suas origens como fase precursora do superego, assim se expressa A. FREUD:

"... Aun después de la introyección de la crítica externa, la amenaza de castigo y la falta cometida que daron sin conexión en el psiquismo del paciente. Desde el momento que se internaliza la crítica, la falta cometida desplázase hacia el mundo externo. Esto significa que el mecanismo de identificación con el agresor se completa con otro instrumento de defensa: la proyección de la culpa. "... introyecta las autoridades críticas como superyō y puede así proyectar hacia afuera sus impulsos prohibidos.." (p. 150) 9

Esta etapa antecede a consciência moral propriamente dita. A moral genuína começaria no momento em que, a crítica internalizada e incorporada como exigência do superego coincidissem no terreno do eu com a percepção da própria falta. Assim fazendo-se, a intolerância com os demais diminui, dando lugar contudo a um maior sentimento de culpa. Pode ocorrer que algumas pessoas estacionem nesta fase da formação do superego. Assim como no desenvolvimento normal ela se constitui preliminar à formação do superego, nos casos de paranóia a identificação com o agressor com a internalização da culpa, parece se constituir como interme

diária.

A identificação com o agressor, portanto, seria fruto da combinação das identificações introjetiva e projetiva nos casos normais e que, por sinal ocorrem em situações de conflito entre o Eu e a autoridade. Assim, os esforços seriam encetados pelo fato de o indivíduo enfrentar-se com objetos de angústia. Esta mesma defesa - identificação com o agressor - tornar-se-ia patológica quando utilizada na vida amorosa. Neste caso, a combinação seria triplíce: introjeção, projeção e transformação em contrário - conduzindo à formação de idéias paranóides.

A. FREUD chama-nos a atenção para não confundirmos esse tipo de identificação com o agressor com certas explosões agressivas observadas, muitas vezes, na situação analítica e que desaparecem, simplesmente, com abreação. Pois, tratando-se mesmo de identificação com o agressor, são desaparece quando a angústia entre o castigo e o superego fica solucionada. (p. 164) <sup>36</sup>

SPITZ relaciona este mecanismo de identificação à época em que as proibições são frequentes para a criança, quando esta passaria de um estágio puramente narcisista a um estágio de relações objetais. Com as proibições dar-se-ia um retrocesso da atividade em favor da passividade, numa direção à organização narcisista do Eu. Duas seriam as explicações oferecidas para o fenômeno de regressão à atividade. Uma de caráter biológico - a tendência natural para o crescimento, para a ação. Outra psicodinâmica - a carga afetiva da experiência de frustração provocaria uma catexes agressiva do id que, por sua vez, guardaria, na memória, a

lembrança da proibição. É possível que a tendência indiscriminada de identificação, encontrada nos primeiros anos de vida - identificação a coisas, gestos, inflexões, ações, atitudes, etc. - explique também a identificação com o objeto desagradável, agressivo ou frustrante.

Diante da proibição do adulto, a criança comportar-se-ia como se algo contra ela fosse colocado, segundo o princípio de que "quem não está comigo, está contra mim". A identificação começaria em relação aos gestos proibidos até a conquista do "não", responsável pelo desencadeamento do mesmo processo - inibição da atividade, sentimento de ser rejeitado.

"... Queremos recalcar que la abstracción no se adquiere mediante la identificación; es un logro autónomo de la actividad de síntesis del Yo ... Elementos que son considerados no esenciales por el sujeto son separados de la experiencia referente, con la ayuda de la agresión. Concomitantemente los elementos considerados esenciales son sintetizados en una representación simbólica de la experiencia referente"...(p. 80) <sup>65</sup>

Como se vê, para SPITZ, a conquista do "não" gestual e verbal - expressão do mecanismo de identificação com o agressor - prepondera ao redor do 15º mês e representa uma primeira abstração que a criança opera.

Observamos o caráter dual da relação sujeito-objeto na montagem desse mecanismo, cuja natureza parece ser sado-masquista. (p. 191) <sup>49</sup>

#### 1.2.4. Identificação centrífuga, centrípeta e recíproca

LAPLANCHE e PONTALIS estabelecem distinções sutis a respeito da expressão "identificação". Começam por distinguir um sentido reflexivo "-identificar-se" e um sentido transitivo - "identificar..." Em psicanálise a expressão seria usada no sentido reflexivo. A partir dessa colocação, nova distinção teria lugar: o sujeito identificar o outro na sua própria pessoa - identificação heteropática e centrípeta. O sujeito identificar a outro sua própria pessoa - identificação idiopática e centrífuga. Quando os dois movimentos coexistem, estaremos diante de uma identificação recíproca. Neste caso o indivíduo se considera "como o outro" e vê no outro coisas suas. Seria um processo de "encontro", de mutualidade, que daria lugar à formação do sentimento do "nós".

A propósito da "identificação recíproca", observa SPITZ:

"... los padres del mundo entero tenden la tendencia de imitar los gestos y las palabras de sus niños para jugar o para comunicarse con ellos..." (p. 124) 65

A identificação que se verifica entre pais e filhos - a criança repetindo atitudes e normas parentais e o pai falando ao modo da criança, usando expressões incorretas, vocabulário e pronúncia infantis - é uma identificação mútua, recíproca, em acordo com os estudos acima expostos. Essas atitudes parentais de identificação com a criança sempre ocorrem em nível de jogo.

\* \* \*

Depois de termos situado o problema da identificação com enfoque nos tipos até então mais estudados pela escola psicanalítica, passaremos a examinar as relações desse com o fenômeno da identidade. Procederemos como se identificação e identidade fôssem, ao mesmo tempo, processos e estruturas "sem fim", não tomado, aqui, o finalismo em sentido absoluto, mas como se ambos pudessem apresentar, a todo momento, uma configuração apreciável, mas sempre em "devenir". Interagiriam os dois processos dinamicamente, sujeitos a paradas, involuções e progressos, igualmente suscetíveis de uma adjetivação abrangente dos termos da escala - normal e patológico - em diferentes níveis.

## CAPÍTULO 2

## De identificação à conquista da Identidade

## 2.1. O problema da identidade

Ao estudar, no capítulo anterior, os tipos de identificação, deparamo-nos com um denominador comum: sentimos os objetos externos dentro de nós e/ou vimo-nos refletidos neles.

Passando por um longo processo de introjeções e projeções, cada indivíduo vai apresentando uma configuração pessoal mais ou menos singular, a despeito da influência do meio que o marca com certos traços comuns.

Essa configuração pessoal, mais ou menos estável, contudo dinâmica, é explicada por ERIKSON como, em seu primeiro momento, um estado incipiente e rudimentar do eu, o qual cada vez mais adaptado às vicissitudes do processo de desenvolvimento, chegará a uma estrutura precária ou estável, conforme a maior ou menor integridade alcançada pelo próprio eu. Isto nos leva ao problema da identidade que, conforme se tem afirmado, está para a nossa época como o da sexualidade para a época de FREUD. Como se pode observar na ampla literatura sobre identidade, não tem sido fácil de limitar satisfatoriamente o seu conceito.

Tomaremos a identidade num tríplice aspecto:

- a) significando a consciência da singularidade individual;
- b) supondo a luta inconsciente do indivíduo pela continuidade de sua experiência pessoal;

c) implicando na solidariedade do indivíduo com os ideais do seu grupo.

Esses elementos do conceito de identidade poderão ser apreendidos na confissão de FREUD, na qual ele os utiliza, expressamente, no mesmo sentido:

"... Debo confesaros aqui que no me ligaba ao judaísmo, ni la fe, ni el orgullo nacional, pues siempre fui un incrédulo, fui educado sin religión, aunque no sin respeto ante las exigencias de la cultura humana que consideramos "éticas". Cuando me sentia inclinado al orgullo nacional, siempre procuré dominarlo por funesto e injusto, amedrontándome al amenazante ejemplo de los pueblos en medio de los cuales vivimos nosotros, los judíos. Con todo, bastante quedaba aún para tornarme irresistible la atracción del judaísmo y de los judíos: cuantiosas potencias sentimentales oscuras, tanto más poderosas, cuanto más difícilmente dejaban expresarse en palabras; la clara consciencia de una íntima identidad, la secreta familiaridad de poseer una misma arquitectura anímica. A ello no tardó en agregarse la comprensión de que sólo a mi naturaleza judía debo las dos cualidades que llegaron a serme indispensables en el difícil sendero de mi existencia. Precisamente como judío me hallé libre de muchos prejuicios que coartan a otros en el ejercicio de su intelecto; precisamente como judío, estaba preparado para colocarme en la oposición y para renunciar a la concordancia con la "sólida mayoría"... (p. 57)

32.

Quando FREUD se refere a "la consciencia de una íntima identidad", vem demonstrar que o sentimento de sua própria identidade lhe é "conhecido" da mesma maneira que a WILLIAM JAMES, uma voz dentro dele dizia, como tes-



temunha da certeza de si mesmo:

"... Este soy realmente yo! ..."  
(p. 16) 6, 40 .

Mais adiante, quando FREUD declara "cuando me sentia inclinado al orgullo nacional, siempre procuré dominarlo, por funesto e injusto..." poderá revelar que:

- ao recusar o orgulho nacional, como elemento de identificação ao judaísmo, importava-lhe preservar a sua singularidade. Neste sentido julgaria ele que o exemplo dos "povos em meio aos quais vivia" indicava o orgulho nacional como um fator de alienação do indivíduo, absorvido na massa.

O aspecto de solidariedade social da identidade revela-se na frase "... la clara consciencia de una íntima identidad, la secreta familiaridad de poseer la misma estructura anímica"...

Sentimo-nos participantes de várias comunidades - familiar, regional, civil ou militar, ocupacional, nacional, humana. Mas tais vínculos de identidade não apresentam dentro de nós a mesma força de ligação: alguns estão mais próximos ao núcleo profundo da personalidade. É possível que a amplitude desse leque influa na profundidade do sentimento de identidade.

De modo geral, parece que a identidade mais forte se orienta para a ligação com a comunidade mais próxima. Em todos os casos há um suporte social nesses vínculos de identidade, uma relação entre os propósitos individuais e os ideais do grupo com que o indivíduo se encontra mais profundamente identificado: "... como judeu, estava preparado pa

ra colocarme en la oposici3n y para renunciar a la concor -  
dancia con la "s3lida mayor3a".

Este sentimento de identidade parece originar-se, co-  
mo dissera FREUD, de um estado emocional que possibilita ao  
indiv3duo uma profunda experi3ncia de si e a torna marcante  
para sua defini33o pessoal mais genu3na.

A esse tipo de experi3ncia profunda de si mesmo, tam-  
b3m se referira W. JAMES:

"... si bien se trata de un mero esta-  
do de 3nimo o una emoci3n a la cual  
no puedo dar forma con palabras, se  
hace aut3ntica para m3 como el prin-  
cipio m3s profundo de toda la deter-  
minaci3n activa y te3rica que po-  
seo..." (p. 17) 6

As rela33es entre identifica33o e identidade, ambas  
como processo de forma33o da personalidade e como estrutu-  
ras relativamente est3veis, s3o evidenciadas de maneira bem  
clara por SCHECTER:

"... To pursue the structural analogy  
to its very concrete limits we might  
say that "identity" is akin to the  
architectural design of a building  
where as identifications would re-  
present the brick, stone and glass  
units that require integrative mor-  
tar and design to hold them together  
and give them unity and meaning. If  
beginning identifications are not  
molded to, and integrated with the  
total personality they become "loose  
bricks" or what we later refer to as  
pseudo-identifications". (p. 7) 62

As pseudo-identifica33es e fr3geis identidades t3m  
sido observadas, atrav3s de experi3ncias realizadas em cre-  
ches e hospitais infantis, quando freq3entes e prolongadas  
separa33es das crian3as, dos seus pais ou de substitutos

eventuais, produzem as mais variadas perturbações psicossomáticas. A tendência ou necessidade de certas crianças identificarem-se parcial, transitória ou superficialmente, tanto podem revelar a falta de identificações anteriores adequadas, como podem levar a essas frágeis e falsas identidades.

O caráter afetivo do fenômeno da identificação poderá explicar as causas dessas fracas e falsas estruturações, sobretudo em casos de crianças que se vêem obrigadas a passar de mão em mão, desprovidas do calor humano que confere às relações objetais um papel capital no desenvolvimento satisfatório da personalidade.

Retomando a perspectiva desenvolvimentista no estudo identificação-identidade, poderemos afirmar que a conquista mais estável de uma auto-identidade só poderá ser obtida quando o adolescente houver subordinado as identificações infantis a uma nova espécie de identificação, que inclua a sociabilidade. Essas identificações juvenis perderiam o caráter lúdico das identificações da infância, bem como o aspecto impetuoso das identificações da puberdade. Seu caráter peculiar consistiria em forçar os indivíduos a uma tomada de decisão e a assumir compromissos. (p. 127)<sup>6</sup>

Resultando desta distinção entre as identificações infantis das identificações juvenis distinguem-se analogamente as estruturas de identidade da criança e da adolescência. Em umas e outras, identificações e identidades, o nódulo da distinção entre as formas infantil e juvenil parece situar-se neste fator: tomada de decisão e assunção de compromisso.

A necessidade de tomar uma decisão, por pressões internas e externas, força uma reavaliação consciente e pré-consciente de propósitos que derivam de várias identificações frequentemente conflituosas. Como observa SCHECTER, no paciente obsessivo o triunfo de uma das identificações pode ser acompanhado por um sentimento de deslealdade e de traição à ambição rival. Daí os sentimentos de culpa e de dúvida que perseguem o obsessivo ao tomar uma decisão. Entretanto, o mesmo não ocorreria com o impulsivo que, não podendo suportar o conflito das opções, nega-lo-ia ou fugiria do mesmo, buscando a ação antes de ser tomado pela dúvida intolerável.

Tudo indica que a busca da identidade e o conflito de tomada de decisão caminham paralelamente. É comum, independentemente da idade do indivíduo, a procura da psicanálise nas grandes crises vitais, quando há necessidade de tomada de decisão: casamento, separação conjugal, iniciação ou mudança de campo de trabalho, etc.

O processo de tomada de decisão parece ligar-se a grupos dualísticos, a alternativas que o ego deve escolher. Na reavaliação que se processa no momento de indecisão, cada estrutura de identidade procura tornar-se mais valiosa e predominante na escolha da ação.

Um exemplo clínico de conflito de identidade e tomada de decisão foi estudado em um jovem de 17 anos, do 2º ciclo do curso fundamental. Ele deveria decidir sobre sua permanência no colégio onde se encontrava há 10 anos. Achava-se francamente inadaptado ao ambiente social da escola e com fortes sentimentos de ser rechaçado, além de outras dificul-

dades para acompanhar o nível pedagógico da classe. Como israelita, estava profundamente conflitado, como se sua saída do colégio implicasse num possível "rompimento" com a comunidade judaica. Durante todo o tempo do conflito, o menor começou a apresentar sonhos de estar voando; fantasias de estar sentado em cadeiras de pé estragado, que deveria ser previamente substituído por novo apoio; representação gráfica de lagartas em metamorfose; sensações de não possuir partes do corpo. Além desses novos temores, persistiam e agravavam-se seus temores fóbicos de multidão, de entrar em viagens coletivas, além da idéia constante de ser rejeitado pelas pessoas. Acentuaram-se as preocupações com a guerra do Oriente Médio, revelando-se um forte torcedor da causa de Israel. Eram frequentes, também, as fantasias de morte e de ataque contra pessoas, desejos de triunfo na área intelectual e financeira. Em relação às três irmãs, sempre se sentira fraco diante da sua aliança com o pai. Como único homem entre as irmãs, sentia-se enfraquecido no ambiente doméstico, onde contava com uma clara superproteção materna.

A dificuldade para tomar decisão não se restringia à específica de permanência no colégio. Refletia-se em várias atividades: ir ou não a uma festa; comprar ou não um automóvel; aproximar-se ou não de determinadas pessoas; gastar ou não o seu dinheiro.

A procura do psicoterapeuta pode significar, como frequentemente acontece, uma busca de identidade.

Voltando ao caso acima: nas associações livres em torno das fantasias da cadeira, cujo pé quebrado deveria

ser previamente substituído, o cliente falava-nos da sua necessidade de apoio, aludindo ao perigo de "queda", se não tomasse a precaução de construir um pé novo para a cadeira, antes de retirar o estragado.

Numa sessão, utilizou-se da pintura, para representar três árvores bem copadas, presas entre si por uma grade (anexo 1). Associou as três árvores a ele próprio, seu pai e sua mãe, sendo ele a árvore do centro. A esta referiu-se como uma árvore óca, cujo conteúdo procedia das árvores-pais. Depois de uma ampla verbalização em torno do tema, com referências à sua situação pessoal, repetiu o desenho, com a diferença de que as árvores laterais não possuíam copa e a árvore central apresentava uma copa pontilhada, cujos pontos iam-se dirigindo para o solo. Entretanto, a cerca permanecia ligando as três árvores, segundo ele, ligando-as mais fortemente pela raiz. Neste 2º desenho, havia a representação humana de alguém caminhando em direção a uma seta voltada para a frente. Apesar disso, o menor comentou: "Ele está voltando, indo para trás". (Anexo 2)

Sua próxima produção foi a pintura de uma casa, com uma pessoa sobre o tecto, contendo no seu interior uma dependência que seria seu próprio quarto. Identificava-se expressamente com a figura - misto de animal, de pessoa e de anjo (Anexo 3) - e dizia não pretender deixar a casa, por ter apego às suas coisas no quarto.

Na 3a. sessão da presente seqüência, representou, também em pintura, um tronco de árvore, encimado por uma borboleta, próxima a um casulo suspenso. Referia-se a esse casulo como sendo o local onde se dera a transformação da lagar

ta em borboleta. Ao comentar o desenho, estabeleceu uma analogia com seu próprio processo de transformação, como falava no seu plano de ir, ao sair da sessão, conhecer o colégio onde pretendia estudar. (Anexo 4)

A 4a. sessão se iniciou com comentários seus sobre o colégio onde, possivelmente, estudaria. Estabeleceu paralelos entre os dois: o colégio anterior e o que acabara de conhecer. Neste, o turno de aulas era mais curto, parecia haver mais liberdade para assistir as aulas ou dele retirar-se, quando estivesse indisposto. A localização era mais tranqüila, com muito menor movimento de veículos. Finalmente, acrescentou que havia 1% de possibilidade de permanecer no colégio israelita, 1% para procurar um terceiro e 98% para aceitar este que acabara de conhecer.

O tratamento se orientava no sentido de libertá-lo de identificações subjacentes de estrutura primitiva e rígida, abrindo caminho para novas identificações, que permitissem o surgimento de estruturas de identidade mais de finidas pessoalmente. Isso envolvia a análise de afetos associados, que poderiam conferir, a certas identificações, demasiado poder na economia da personalidade total e que, ao mesmo tempo, poderiam ajudar a manter cargas criativas potenciais do self em dissociação (a árvore se desmanchando; a lagarta se transformando; a figura humana ambígua...)

A integração das novas e mais saudáveis identificações poderia ocorrer espontaneamente, uma vez que o ego não estivesse muito danificado ou subdesenvolvido e desde que as origens primitivas e os pontos de fixação das vã-

rias identificações relevantes e das identificações objetivas pudessem ser trazidas à consciência e elaboradas.

\* \* \*

A sintomatologia do menor, tomada como possível busca de identidade, parece situar-se como uma "crise normativa" da adolescência, pelo fato de tratar-se de um jovem de 17 anos, em fase de elaboração final das perdas infantis e, portanto, num momento previsto para a elaboração de uma nova identidade, com o conseqüente desligamento das identificações anteriores.

Como se trata de um caso em acompanhamento, não podemos, no momento, afirmar nada de definitivo sobre as suas conquistas finais relacionadas à auto-identidade.

\* \* \*

É possível que a identidade implique a noção de um self apoiado essencialmente na continuidade e semelhança de fantasias inconscientes, principalmente relacionadas com sensações corporais, ansiedades e emoções experimentadas desde o nascimento, tendências e afetos ligados aos objetos do mundo interno e externo, ao superego, com suas necessidades peculiares, ao funcionamento específico em qualidade e intensidade dos mecanismos de defesa, e ao tipo particular de identificações assimiladas através dos processos de introjeção e projeção. Todas essas fantasias inconscientes funcionarão dinamicamente, com relativa uniformidade de expressão, segundo a influência complementar



dos fatores constitucionais, das representações herdadas, das experiências fetais e pós-natais, e do trauma do nascimento.

A interação específica e contínua entre esses elementos conferiria ao eu um certo estado de coesão, sustentáculo da identidade, de modo a suportar, dentro de determinados limites, alterações e perdas. Este estado de coesão seria o resultado de um longo processo evolutivo, que permitiria a elaboração das perdas pelo eu e o restabelecimento dos transtornos momentâneos da identidade, muitas vezes despercebidos (p. 184) <sup>34</sup>.

... "El proceso de elaboración también contribuye a la consolidación del sentimiento de identidad, ya que permite no sólo aceptar la pérdida de las partes infantiles del self, sino también el desprendimiento de aquellos aspectos regresivos que bloquean el camino para el establecimiento de los aspectos adultos..." (p. 186) <sup>36</sup>.

Já nos havíamos referido à importância das relações objetais como transcendentais à formação da identidade, e às angústias persecutórias e depressivas intoleráveis, cuja intensidade impediria ao eu organizar-se e estabilizar-se adequadamente.

Em se tratando da adolescência, quando se daria, segundo ERIKSON e os seus seguidores, a conquista de uma identidade mais estável, as perdas a serem elaboradas e as conseqüentes re-identificações ocorreriam em relação:

- a) ao corpo infantil;
- b) à identidade e papel infantis;
- c) aos pais da infância.

ABERASTURY, KNOBEL e outros<sup>2</sup> apreciam as tensões emocionais da adolescência em torno dos chamados lutos da infância. Tais lutos seriam elaborações internas de perdas reais ou imaginárias de objetos decorrentes da experiência infantil.

O 1º luto proviria da mudança do corpo, em virtude da maturação sexual. Perdendo o corpo familiar de criança, o adolescente deixaria de fantasiar sobre o que poderá ser quando estiver adulto. Gerar-se-iam uma acentuada preocupação e um sentimento de estranheza em relação ao próprio corpo, o que o levaria a mirar-se frequentemente no espelho - como se estivesse buscando compreender e assimilar a nova "gestalt", já uma vez experimentada na fase especular estudada por LACAN. Os ideais de beleza física estariam em choque com a imagem desarmoniosa que caracteriza o indivíduo nesta fase de transição.

O 2º luto diria respeito à confusão de papéis, provocada pela dependência, até então experimentada na infância, e o esforço de independentização, não satisfatoriamente conquistada.

Para ABERASTURY e KNOBEL dá-se um fracasso de personificação e um desafio do adolescente, ao confrontar-se tenazmente com a realidade.

Coisas e seres seriam por ele utilizados, sempre a serviço de suas satisfações imediatas. Daí porque, no seu relacionamento interpessoal se comportaria de modo extremamente lábil, apresentando uma afetividade instável, deixando por vezes conduzir-se por uma indiferença quase absoluta.

Parte da identidade infantil ter-se-ia ligado ao mo

do de pensar - mágico, concreto e intuitivo. Apesar de a reversibilidade caracterizar o raciocínio lógico na adolescência, o seu pensamento repousaria muito no consentimento do grupo. Este é que suportaria a responsabilidade dos papéis cambiantes, são progressivamente assumidos pelo adolescente.

Este repousar sobre o grupo poderia conduzir o adolescente a uma recusa para assumir as próprias responsabilidades, passando a regredir a fases de dependência e irresponsabilidade infantis e chegando sua conduta a confundir-se com a do psicopata.

Na adolescência, também se daria a perda das fantasias bissexuais características da fase infantil e a consequente tomada de posição em favor da sexualidade básica.

Neste caso, a identidade sexual anterior ficaria comprometida, exigindo-se uma re-identificação com um papel sexual mais definido, em favor do pai do mesmo sexo.

Finalmente, o 3º luto relacionar-se-ia à perda dos pais idealizados da infância:

"... Figuras idealizadas deben substituirlos, y entonces el adolescente se refugia en un mundo autista de meditación, análisis, elaboración de duelo, que le permite proyectar en maestros, ídolos deportivos, artistas, amigos íntimos y su diario, la imagen paterna idealizada"... (p. 150)  
2.

A solidão seria buscada pelo adolescente ativamente, já que facilitaria sua conexão com os objetos internos, que o poderia fortalecer. O "diário" serviria para a exteriorização dos objetos internos e de seus vínculos, permitindo o

controle e o cuidado dos mesmos. A fixação das relações objetais num diário facilitaria a elaboração da perda das mesmas.

No psicopata, os pais infantis teriam vigência real e permanente. A sua perda traria sentimentos de frustração altamente insuportáveis. E como não poderia tolerar a solidão, através da qual melhor elaboraria a perda, procuraria diluir a sua personalidade, mediante identificações projetivas maciças com grupos de delinquentes ou semi-delinquentes.

Poderia servir como explicação a toda conduta ambivalente do adolescente, para com as figuras parentais, o fato de que, no período da latência, os pais teriam sido vistos como onipotentes e oniscientes, e a luta edipiana cessada por algum tempo. Com a restauração da luta, na adolescência, essa máscara e essa fantasia viriam por terra. Por outro lado, os conflitos intra-psíquicos do ego cindido, não satisfatoriamente resolvidos, serviriam de suporte inconsciente ao combate. No plano da realidade objetiva, não podendo tolerar a frustração da quebra da fantasia, procederiam por deslocamento e substituição, elegendo outros ídolos-indivíduos ou o próprio grupo personificado.

Em síntese: após a adolescência, haveria necessidade de re-identificações, para a construção de uma identidade mais duradoura. Isso se verificaria no plano morfo-fisiológico, em que o organismo é sentido de outro modo - a emergência de novas glândulas, as gonadotróficas, produzindo novas sensações e abrindo campo para novas necessidades - conduzindo a um auto-conceito modificado. Haveria necessidade de familiarização com o novo corpo semi-adulto, uma nova "gestalt" física, uma nova "gestalt" emocional. A re-elaboração da visão

das figuras parentais em termos mais vulneráveis e mais humanos; a busca de um papel social que se invista de responsabilidade e de produtividade, tudo isso estaria sujeito à influência dos fatores culturais, dando maior ou menor relevância a todas as perdas referidas.

## 2.2. Vínculos de integração da identidade

Vimos como o processo de elaboração dos "duelos" contribui para a consolidação do sentimento de identidade, já que permite não apenas aceitar a perda das partes infantis do self, como também o desprendimento daqueles aspectos regressivos que bloqueiam o caminho para o estabelecimento de uma identidade mais adulta. É um trabalho lento, esse de aceitar as inevitáveis perdas e de conseguir novos ganhos.

Outros autores acentuam, nas suas definições sobre identidade, o processo de individualização, que consiste numa visão tanto quanto possível clara das semelhanças e diferenças entre a pessoa e os demais; enfatizam, também, o aspecto temporal e a continuidade do sujeito que se percebe como idêntico a si mesmo; e finalmente, o suporte que o social fornece à construção da identidade individual.

Aí estariam os três vínculos que L. GRINBERG estabelece em relação à identidade. A cada um deles denomina especificamente; estudá-los-emos separadamente nas conexões que podem apresentar com aspectos parciais da identidade.

### 2.2.1. Vínculo de integração espacial e identidade corporal.

O vínculo de integração espacial compreende a relação entre as distintas partes do self entre si, sobretudo o \_\_\_\_\_ corporal, mantendo a coesão e permitindo a comparação e o contraste com os objetos: tende à diferenciação self-não self.  
(p. 186) <sup>36</sup>

MAHLER afirma que o sentimento de identidade individual está determinado por sensações corporais, sendo a imagem corporal sua base. Do mesmo modo, J. WILLIAMS sustenta que a semelhança entre partes contínuas de sentimentos e de sensasões - especialmente as corporais - constitui o verdadeiro e verificável sentimento de identidade pessoal, que podemos experimentar. (p. 183) <sup>36</sup>

A percepção do corpo serviria de base para a noção de "esquema corporal" como unidade somato-psíquica. Deste modo a imagem especular estudada por LACAN, que ocorre entre seis e dezoito meses, seria de importância no processo de integração corporal e no sentimento de identidade.

Também FREUD valorizou o aspecto corporal do ego, quando realizou os seus estudos em "Ego e Id":

"... El yo es, ante todo, un ser corporeo y no sólo un ser superficial sino incluso la proyección de una superficie..." (p.1197) <sup>30</sup>

Segundo ABERASTURY<sup>1</sup> a expressão "esquema corporal" pertence a HEAD, que a utilizara ao descrever o modelo postural do corpo. O esquema corporal seria a imagem tridimensional que toda pessoa tem de si mesma, incluindo a experiência cinestésica e as estruturas posturais - uma relação espaço-temporal. Vestimentas e objetos muito familiares à pessoa, passariam a fazer parte da própria imagem corporal e o mesmo ocorreria com a voz, o odor, os excrementos, o fluxo menstrual, a urina, o sêmen.

A imagem corporal também estaria ligada aos sentimentos, emoções, motivos, tendências e pensamentos expressos ou velados.

Estes têm um caráter social, pelo fato de estarem sempre referidos à imagem de alguém. Podemos dizer que a constituição do "outro", como objeto da experiência, fortalece, progressivamente, a auto-imagem. E cada vez mais essa auto-imagem vai-se individualizando no próprio corpo, de início parcialmente e, depois, numa percepção de conjunto. Já não será a "minha mão" que faz algo, mas "eu" que faço alguma coisa.

Ao distinguirem as dislexias primárias e secundárias, os autores de "La dyslexie en question"-ARMAN COLIN e colaboradores - referem-se a dificuldades de localização espacial, a perturbações das primeiras relações objetivas, além de outras. A este propósito, estudos sobre dislexias revelam uma certa relação entre o domínio e a percepção do "esquema corporal" e o problema de troca de letras, sobretudo as chamadas dislexias visuais com símbolos de "gestalts" semelhantes, como p-b-d. Estamos nos referindo à dislexia específica de evolução, desordem caracterizada pela dificuldade de aprendi-

zagem da leitura, a despeito de uma orientação pedagógica correta, de uma inteligência satisfatória e de possibilidades sócio-culturais suficientes.

Como ainda veremos, a vinculação ao próprio corpo se afigura essencial para a consolidação da identidade do indivíduo e segue um curso evolutivo.

Ao estudar as primeiras reações infantis, SPITZ refere-se à reação de sorriso social que sucede a percepção, pela criança, de parte do rosto materno (gestalt-sinal), considerando tal reação como precursora da relação de objeto. 61. 62. 63.

A princípio, o seio e odor do corpo da mãe, depois as próprias roupas, aumentariam a sensação de individualidade, fortalecendo a separação já referida entre self e não-self.

Sentimentos rudimentares de identidade derivam-se, pois, da experiência do contacto corporal da criança com a mãe, através do qual se libidiniza a superfície do corpo, estabelecendo-se o limite entre eu e não-eu.

Estudando quadros de autismo e de simbiose, MAHLER encontrou também nas sensações corporais a base da identidade.

Nas primeiras fases do processo analítico, é comum o paciente não se sentir integrado, nem capaz de discriminar-se do analista, notando-se uma acentuada fusão entre sujeito e objeto, semelhante à fase da "díade" de que falara SPITZ. O contacto analista-paciente caracterizar-se-ia pela extrema dependência deste, e cuja neutralização seria procurada na intensificação dos "acting out" e das defesas para-



nóide-esquizóides e maníacas, referidas por M. KLEIN.

O contacto dos objetos primários com a pele do bebê se apresentaria como fator de coesão das partes da personalidade, vivenciadas como desunidas. No caso, o objeto-contenente seria a pele, enquanto, no relacionamento analista-paciente, seria o analista o continente.

Tudo indica que, enquanto não se introjetarem as funções de "contenção", dificilmente aparecerá o conceito de um espaço dentro do self, o que daria lugar a todas as confusões relativas à identidade.

Mais tarde durante a adolescência, observa-se uma certa dissociação, de modo que o indivíduo se sentiria com a mente infantil, enquanto seu corpo se tornaria cada vez mais adulto. É possível, pois, que a "crise" de identidade atinja, nesse período, seu momento crucial, e que as transformações morfo-fisiológicas expliquem, em grande parte, a auto-inaceitação do adolescente.

As modificações biológicas e o crescimento corporal incontrolláveis seriam vividos como fenômenos psicóticos e psicotizantes, no corpo. A contradição entre o corpo adulto e a mente infantil produziria uma espécie de sentimento de despersonalização, que dominaria o adolescente.

O manejo das idéias poderia servir, também, como compensação da perda do corpo infantil. Por esta mesma razão, não tendo ainda conquistado a personalidade adulta de modo total, procuraria compensar-se com sentimentos de onipotência em relação a reformas sociais e políticas, não necessitando, para isso, comprometer-se como pessoa física mas como entida-

de pensante.

A despersonalização do adolescente implicaria numa projeção na esfera do pensamento abstrato, do tipo elocubrações, e explicaria a relação lável com objetos reais, os quais, progressivamente, perderia, assim como, paulatinamente, perderia seu corpo infantil.

Este processo de despersonalização, flutuante no adolescente normal, poderá apresentar características de psicopatia, quando acentuado em intensidade ou em decorrência de fixação evolutiva.

Normal ou patológico, em qualquer fase evolutiva, no restabelecimento do esquema corporal desempenha importante papel o processo de perda e sua elaboração.

SZASZ, em seu livro "Pain and Pleasure", no qual apresenta interessantes idéias a respeito da utilização do corpo por parte do eu, assinala que o processo de perda é considerado necessário à adaptação, no caso de estar havendo desequilíbrio entre eu e objeto. O processo seria o seguinte: primeiramente, ativar-se-iam as defesas do eu, conduzindo a uma negação parcial da perda e à sua recriação como "membro fantasma". A perda não seria elaborada bruscamente, mas através de gradual modificação da imagem corporal; a seguir, surgiria uma diminuição progressiva do "fantasma", até seu desaparecimento completo, quando se daria uma nova integração do eu corporal. (p. 174) <sup>34</sup>

A este propósito, tivemos oportunidade de acompanhar o início de hospitalização psiquiátrica de um paciente de 16 anos. O menor havia amputado a perna e sempre punha as mãos à altura do joelho perdido, numa manifestação de que não

havia ainda integrado a nova imagem corporal fisicamente mutilada. Este comportamento não se prende ao caráter psiquiátrico da perturbação do menor. É comum observá-lo em todos os recém-amputados. O fenômeno mais uma vez patenteia a dificuldade de elaboração das perdas de partes do corpo.

Um outro paciente, de 17 anos de idade, anteriormente referido, queixava-se, frequentemente, de não estar sentindo partes do seu corpo, como se apenas possuísse pensamento. Numa das sessões de psicoterapia, solicitou papel, onde gravou, com as próprias mãos pintadas em vermelho, duas mãos em posição inversa. Havia-se, poucos momentos antes, referido a impressão de não estar sentindo as suas mãos.

Essa representação gráfica de partes do corpo, no caso fielmente modelada, vem demonstrar a preocupação do indivíduo na manutenção de sua imagem corporal. Todo ataque ao corpo (enfermidade somática, trauma físico ou vivência hipocondríaca) poderia ser vivenciado como ataque ao self e à sua identidade.

Observam-se sinais evidentes de angústia, sempre que há dano ou perda de parte do corpo. GRINBERG comenta que a circuncisão tem sido discutida, tanto pela angústia que provoca ao relacionar-se com o fenômeno da castração, como pelo dano causado a uma parte do corpo, altamente valorizada no sentimento de identidade sexual, cuja expressão genital é a mais completa. (p. 175) <sup>36</sup>

Este autor assegura que o núcleo do eu incipiente e, posteriormente, a imagem do self é a imagem corporal. Con

corda com muitos, que as regiões do corpo mais significativas, na comparação e no contraste necessários ao estabelecimento do auto-reconhecimento e do eu corporal, como dos demais, são o rosto e os genitais. (p. 20) <sup>36</sup>

\* \* \*

Partes do corpo seriam então mais representativas do self: os olhos, as mãos, o rosto e os genitais. (p. 56) <sup>35</sup>

Acreditamos que o direito penal relacione essa significação profunda do rosto para o self, quando procura punir criminalmente os ataques a essa parte do corpo, como significando atentado contra a honra e a dignidade da pessoa. As mãos pelo que elas representam como instrumento de trabalho.

Podemos ainda considerar o domínio esfinteriano como expressão do controle que o self exerce sobre as partes que o constituem, num movimento equilibrado de expulsão e retenção. Inversamente é comum observar-se angústia e depressão diante da perda da matéria fecal, trazendo, em consequência, sintomas fóbicos e somatizações do tipo constipação. No plano inconsciente, os excrementos poderiam representar aspectos do self, que se perdem irremediavelmente. Crianças resistem a lavar-se, a cortar as unhas ou os cabelos, como se tudo isso estivesse relacionado a ameaças de perda dos aspectos do self e, portanto, da sua identidade.

Ao discorrer sobre o caráter anal, FREUD <sup>21</sup> mostra as relações entre o tipo avarento, o compulsivo e o grau de equilíbrio do eu conseguido durante a fase anal. O excesso de economia no gasto do dinheiro poderia, segundo ele, se

explicar pelo receio de que, com aquele se vá parte valiosa da própria pessoa.

A supervalorização das experiências passadas e a preocupação com "o tempo perdido" demonstrariam a dificuldade de evolução do eu, a dificuldade de desprendimento pelo eu desaparecido.

São perdas difíceis de elaborar, como se vê, e que podem determinar fixações e detenções na evolução. O fenômeno do "duplo", descrito por FREUD, teria sido, primitivamente, uma medida de segurança contra a destruição do self.  
(p. 177) <sup>36</sup>

#### 2.2.2. Vínculo de integração temporal e sentimento de mesmidade.

À medida que se vão processando, na pessoa, as sucessivas integrações espaciais entre as distintas partes de si mesmo e do objeto, vão ocorrendo simultaneamente as integrações temporais, definidas como: um vínculo entre as distintas representações do self no tempo, estabelecendo uma continuidade entre elas e servindo de base ao sentimento de mesmidade.

As integrações temporais basear-se-iam em recordações das experiências passadas, armazenadas no inconsciente. Equivaleriam à capacidade de o indivíduo situar-se no passado e de imaginar-se no futuro, sentindo a continuidade do ontem e do amanhã.

Essa experiência de continuidade de si seria automática, não se exigindo nenhum esforço consciente para sua percepção.

Na história pessoal, como já falara FREUD, as experiências traumáticas infantis seriam mais importantes para a compreensão do distúrbio atual do que os fatores hereditários, aos quais, segundo ele, se teria conferido importância demasiada, até então.

Experiências altamente traumáticas poderão dissociar-se da experiência temporal do indivíduo, permanecendo corpo estranho, como no caso das amnésias infantis. Poderia haver então uma desordem do sentimento de continuidade temporal das experiências pessoais.

Vejamos o que diz FREUD:

"... Y, sin embargo, la influencia de este periodo de la vida seria más facil de comprender que la de la herancia y deberia ser estudiada preferentemente..." (p.785) 18

Conforme observam L. e R. GRINBERG,<sup>35</sup> as crises evolutivas (desmame, situação edípica, adolescência, maturidade e velhice) agregam-se às crises vitais particulares da história pessoal de cada indivíduo. Dessa identidade temporal faz parte o sentimento de haver o indivíduo começado no nascimento ou pouco depois dele e estar sujeito à extinção pela morte.

O ritmo de aparecimento e de desaparecimento do seio materno, o afastamento mais ou menos prolongado dos primeiros objetos de amor, o acompanhamento e a participação dos ciclos de sono e de vigília, contribuiriam para o desenvol-

vimento da experiência temporal. Também a integração da figura materna no tempo seria correlativa da própria imagem temporal.

"... En cada individuo hay una unidad del Yo que permanece constante aunque los contenidos del Yo cambien rápida o lentamente, en forma transitoria o duradera. ..." (p. 169) 35

Isso vem a significar a possibilidade de haver debilitamento da identidade, em decorrência de mutações provocadas ao longo do tempo. A amargura com que as velhas gerações costumam referir-se à conduta ou aos valores das novas gerações, poderia ser devida, em grande parte, à incapacidade atual de elaborar o sofrimento provocado pela velhice, com a dificuldade de integrar o eu jovem de épocas anteriores.

Segundo EISSLER, o sentimento de identidade do eu se encontra em estreita relação com o sentimento de identidade com o mundo externo. O indivíduo teria a sensação de que haveria algo dentro de si permanente, apesar das mudanças à sua volta. (p. 187) 36

O esforço para evitar mudanças que distinguem o passado do presente faria parte da luta e do temor do indivíduo em relação à morte; o desejo de rever ambientes vividos na infância poderia responder a fantasias inconscientes de recuperar o passado imodificável.

Ao se deparar com alterações no passado, decorrentes das fantasias sofridas ao longo da evolução, o indivíduo poderia ser tomado de sentimentos depressivos ou incrementar ansiedade e culpa persecutórias pelo que sente como

perdido. A compulsão de repetição poderia ser explicada, também, por esse temor do indivíduo à perda; responderia à necessidade de conservar, a todo preço, aspectos e modalidades do eu..

Observamos que as crianças podem apresentar condutas de tipo regressivo, sobretudo em decorrência de uma perda de pessoa querida ou pela chegada de um irmão rival. Como se, com tais comportamentos, conseguisse uma "parada no tempo", algumas vezes tentando permanecer em um nível de gratificações com as quais se encontra familiarizada.

O fenômeno da regressão durante o tratamento analítico poderia receber uma explicação semelhante. Nas produções artísticas encontramos, com frequência, a repetição de determinados motivos - o chamado tema obsessional - que além de outras interpretações, poderia significar a necessidade de "estacionar" numa experiência significativa do ciclo vital. Os rituais obsessivos poderiam explicar-se por uma detenção em tais momentos significativos, levando a uma repetição de atitudes ou sentimentos a eles relacionados.

Segundo KRIS (p. 193) <sup>36</sup> a regressão do eu se dá, não apenas nos estados de debilidade (durante o sonho, na fantasia, na embriaguez, nas psicoses) mas também em muitos processos criadores. Afirma ainda que, em certas condições, o eu regula a regressão, e que as funções integradoras do eu produzem uma retração voluntária e temporal das catexes de uma zona, transferindo-a a outra, a fim de obter um melhor controle adaptativo. A teoria dos sonhos



pressuporia padrões regressivos semelhantes.

Poderemos, ainda, salientar o valor positivo da frustração do eu ao longo do seu processo evolutivo, como se fôra uma força impulsora de progresso. O sofrimento causado pelas perdas poderia conduzir a processos normais ou patológicos, em razão das circunstâncias, do estado atual do eu e da culpa que acompanharia as experiências. Se as condições congênitas ou adquiridas forem suficientemente vantajosas, de modo que o eu possa elaborar positivamente as perdas e sua depressão, os impulsos reparatórios poderiam tornar-se construtivos, permitindo seu fortalecimento e estabilidade.

Assim sendo, seria o processo de integração do eu obtido na elaboração das perdas, por partes do self e por seus objetos, o que possibilitaria a segurança progressiva da auto-identidade. Do contrário, diante do fracasso da elaboração, poderiam predominar a angústia e a culpa persecutória, levando o eu a funcionar de forma masoquista ou a recorrer a regressões, retornando, deste modo, a níveis mais primitivos de identidade.

A elaboração adequada de todas essas perdas nas etapas previstas, contribuiria para consolidar no indivíduo o sentimento de ser uma entidade real, diferenciada, contínua no tempo e com capacidade de recuperar, no presente, o que houver aprendido no passado. (p. 96) <sup>35</sup>

### 2.2.3. Vínculo de integração social e identidade sócio-cultural.

Este terceiro vínculo de integração da identidade refere-se à conotação social do processo e verifica-se pela relação de aspectos parciais do self e dos objetos, por meio dos mecanismos de identificação.

"... L'expression "maturité de l' être humain" comprend non seulement une croissance personnelle, mais aussi une socialisation ..."  
(p. 44) 70

Estudando a evolução psico-social da criança, SPITZ indica a presença de três organizadores, que vêm a marcar momentos significativos do desenvolvimento mental infantil. Examinando-os, observamos, à primeira vista, a conotação social da tríade: o sorriso social aos três meses; a angústia diante de pessoas estranhas, aos 8 meses; e a expressão do "não" gestual ou simbólico aos 15 meses. Nenhuma dessas aquisições teria lugar se a criança não fosse parte de um grupo responsável pela estimulação desses comportamentos. E' como se as várias aquisições, nos planos afetivo, intelectual, imaginativo, sensorial, fossem imperceptivelmente "se fazendo" elementos de uma estrutura mais ampla e estável, que se manifestaria na presença desses "organizadores" dos comportamentos. 64. 65. 66.

No Capítulo I tivemos oportunidade de situar, no pensamento de FREUD, a importância do contacto humano, de base emocional, no processo de identificação. Ficou concluído, que, somente a partir da introjeção de traços, atitudes e valores, é possível falar-se em formação do eu. Daí sermos levados a inferir que a conquista da identidade e da educa-

ção se fazem através de um processo eminentemente social; são, portanto, processos sociais.

WINNICOTT acredita que a sanidade, tomada como sinônimo de maturidade, torna o adulto capaz de identificar-se com a sociedade, sem sacrifício de sua espontaneidade pessoal; que o adulto é capaz de satisfazer as suas necessidades individuais, sem se tornar anti-social, sem deixar de envolver-se na responsabilidade de manutenção ou modificação da sociedade em que se encontra. Contudo, a independência não seria conquistada de modo absoluto, porquanto as relações entre os indivíduos seriam de interdependência. Uma satisfatória maturidade pessoal não seria conseguida num meio imaturo ou numa sociedade doente. (p. 45) <sup>70</sup>

As expressões "processo de maturação" e "processo de identidade" aplicam-se à evolução do eu e do self, compreendendo toda a história do id, dos instintos e de suas vicissitudes, assim como as defesas do eu em relação ao instinto.

Os pais não constroem uma criança como um artista faz um quadro. Eles instauram um processo de desenvolvimento, através do qual o bebê toma conhecimento do corpo da mãe, dos braços dela e, finalmente, do lar que lhe é oferecido. Do mesmo modo, os pais se tornam dependentes das tendências e necessidades do bebê. Ao prestar-lhe os cuidados requeridos, a mãe está satisfazendo a si e ao filho. Há, como que, uma "continuidade de existência". Sabiamente, nesse período de dependência absoluta da criança, a mãe satisfaz e também frustra as solicitações infantis. Portanto, gratificação e frustração participam igual

mente do crescimento satisfatório da personalidade.

No estado de transição, referido por WINNICOTT e FAIRBAIN, a criança começa a se tornar consciente de sua dependência. Mais uma vez se observa a conotação social da identidade em função das relações objetais e dos mecanismos de identificação que operam nessas relações. Em decorrência disto, dois tipos de identificação são apontados:

- 1) a identificação primitiva, em que o self e os objetos não estariam diferenciados na fantasia inconsciente, correspondendo, na orientação kleiniana, à identificação projetiva;
- 2) a identificação madura, que se basearia em uma prévia diferenciação entre as fantasias inconscientes do self e dos objetos. Seria seletiva, incorporando aspectos parciais dos objetos para enriquecimento do self, o que se faria, em termos kleinianos, à custa de identificações introjetivas. (p. 113) <sup>35</sup>

No desempenho de papéis em busca da auto-identidade, tanto nos seus aspectos positivos como nos negativos, poder-se-ia chegar a pseudo-identidades, em que o indivíduo funcionaria "como algo", alienado de si mesmo, ao invés de "ser algo".

Parece que o grande problema do indivíduo consistiria em como vincular-se criativamente aos outros, mantendo um satisfatório contacto consigo mesmo, conservando a sua própria integridade, evitando transformar-se numa peça informe do sistema social, sem colocar de lado os valores de uma personalidade autêntica.

Dentro desse sub-capítulo - vínculo de integração social - estudaremos, separadamente, a identidade ocupacional, e a identidade sexual, seguindo uma linha evolutiva, como vimos fazendo, até a adolescência.

\* \* \*

Em geral é a incapacidade de tomar decisão no campo de trabalho o que mais perturba o jovem - a dificuldade de encontrar a própria identidade profissional.

Como observam MURRAY/SCHNEIDER:

"... Em geral é, antes de tudo, a incapacidade de fixar uma identidade ocupacional que perturba o jovem."  
(p. 290)

As identificações com pessoas que executam trabalho produtivo têm lugar desde os primeiros anos e desenvolvem-se na atividade lúdica. O papel ocupacional torna-se, já nessas atividades lúdicas, sexualmente diferenciado: determinados papéis considerados femininos são escolhidos para os brinquedos das meninas, assim como os papéis tidos como masculinos são introduzidos pelos meninos nos seus jogos.

Tem causado surpresa a estudiosos do assunto o elevado grau de influência das imagens idealizadas dos pais, com vistas à escolha profissional dos seus filhos. SCHECTER alude à amargura manifestada muito precocemente por uma menina de 9 anos de idade, ao comparar as ambições profissionais próprias com as do seu irmão:

" They call him Doctor Ronnie but do they call me Actress Harriet?"  
(p. 11) 62

O mesmo autor relata um conflito de identidade profissional, relacionado à tomada de decisão, de um jovem advogado submetido a tratamento psicanalítico. A escolha da advocacia, em uma pequena comunidade, estava para ele associada a fantasias masculinas intrusivas e ativas de "entrar na comunidade", "influenciar e mover as pessoas", lutar dentro de uma linha criminal. Essas fantasias pareceriam estar conectadas com idealizações de seu pai como um caixeiro viajante, sem medo, fazendo seu percurso em territórios não familiares.

Os conflitos intra-psíquicos do paciente teriam por conteúdo:

- a) a culpa de ultrapassar o pai, do ponto de vista intelectual, e, ao mesmo tempo, o sentimento de identificação com o pai fracassado;
- b) a ambivalência entre os desejos de realizar a imagem idealizada da mãe - ser, como seu tio, um intelectual - e, a sua real identificação com o pai, como pequeno negociante;
- c) o fato de ter sido um bom aluno, e o medo de fracasso no campo de trabalho. Isso acentuaria sentimentos de inferioridade que seriam relacionados à sua incapacidade de sentir-se viril.

Conclui SCHECTER que o paciente se tornara dividido:

- 1) em virtude da sua identificação com o ideal materno;
- 2) pelo fato de identificar-se com o pai, fracassando na conquista de um ideal.

SCHECTER admite que, procurando o paciente preencher o ideal do ego inspirado na mãe, sofria a culpa pela não identificação ao ego derivado do pai. Por essa razão, possível

mente, ele se tornaria paralisado na ação, em decorrência do perigo potencial e do significado conflituoso da atividade ambiciosa, embora adequada. (p. 11) <sup>62</sup>

Não apenas os pais, mas quaisquer outras pessoas com as quais a criança tome contacto, poderão tornar-se emocionalmente importantes para fazer eclodir potenciais latentes relacionados à atividade profissional. Pode ocorrer também a professores ou outros familiares "escolherem" partes suas não realizadas, procurando nas crianças o desenvolvimento das mesmas.

Vale observar que o sentimento de incapacidade para realizar tarefas pode ser fruto da expectativa ansiosa dos pais, que chegam a contaminar os filhos com um sentimento de auto-desvalorização profissional.

Acontece que identificações neste campo, aparentemente transitórias, podem eclodir posteriormente; uma vez despertada uma parte da personalidade infantil, poderá esta parte vir a desempenhar importante papel na sua vida adulta.

HILGARD ao aludir às tendências das crianças à manipulação, vem salientar a vocação humana para "fabricar" instrumentos. ERIKSON, no seu estudo sobre "Epigênese da Identidade", situa a idade escolar como a fase de identificação com a tarefa. Nesta fase, as crianças parecem dominadas por uma necessidade de, não apenas brincar, mas fazer coisas, o que ERIKSON denominou sentimento de laboriosidade.

"... Es como si tanto él como su  
sociedade supieran que ahora que

ya es psicológicamente un padre rudimentario, debe comenzar por ser un trabajador y un proveedor potencial antes de convertirse en un padre biológico... Ahora aprende a ganar reconocimiento produciendo cosas. Desarrolla perseverancia, se adapta a las leyes inorgánicas del mundo de los utensilios y puede llegar a ser una unidad ansiosa y absorbida de una situación productiva." (p. 101) 6

\* \* \*

O problema da educação vocacional e da orientação que se procura dar ao adolescente na busca de sua identidade profissional tem sido disciplinado também por força de lei.

A atual legislação do ensino no Brasil prevê a orientação profissionalizante desde o Ensino do 1º grau e recomenda a sondagem de aptidões para o trabalho. Assim sendo, na fase da latência, a criança de idade escolar tem oportunidade para desenvolver o sentido de divisão do trabalho e de possibilidades de escolha. Naturalmente, para se tornar realmente educativa, a atividade tecnológica deve ser integrada à vida escolar, convertendo-se mais em atividade-meio e visando a familiarizar a criança com as técnicas e os instrumentos que estão ao alcance das capacidades infantis.

Essas atividades repercutem na formação da identidade social, porquanto implicam em realização de tarefas conjuntamente e com propósitos comuns.

Há duas tendências extremas em relação à introdução das tarefas produtivas na escola desde o 1º grau: uma escola do trabalho e para o trabalho, em que a consciência do dever e da eficiência limita o desenvolvimento de outros po



tenciais existentes na criança. Neste caso, as expectativas da criança ou do pūbere limitar-se-iam a uma realizaçāo de pequeno trabalhador, fixando-se, prematuramente, a um determinado tipo de tarefa. No extremo oposto, a tendēncia seria a de deixar a criança longos anos na escola, sem jamais levā-la a adquirir a capacidade para o desempenho de um trabalho e sem deixā-la experimentar o orgulho pela realizaçāo de uma tarefa ūtil.

\* \* \*

Inicialmente, tratamos da identificaçāo emocional a pessoas. Agora, acabamos de tratar do problema em relaçāo a tarefas. Sob este ūltimo ângulo, a propōsito da maior ou menor flexibilidade de uma educaçāo orientada para o trabalho, encontramos depoimentos de tipo extremo, que podem melhor esclarecer a questāo. Tratando do artificialismo com que certos educadores tēm conduzido o problema da mais ampla liberdade de execuçāo de tarefas, sob a alegaçāo de um maior respeito aos desejos do aluno, conta-se a famosa indagaçāo de um escolar: "Senhorita, devemos fazer hoje o que queremos fazer?"

Pelo exposto, podemos concluir que existem na orientaçāo produtiva da escola para o trabalho, perigos para o desenvolvimento da identidade. As criançās podem ser conduzidas ao embotamento da imaginaçāo e do jogo, aceitando o trabalho como ūnico critērio de valor, tornando-se escravos da especializaçāo tecnolōgica e da tipologia de papēis que

-del-officio" (idiotia artesanal). (p. 104) <sup>6</sup>

Partindo do pressuposto de que todos os indivíduos dispõem de todos os potenciais para a realização humana, ANASTASI, na sua obra "Differential psychology", afirma:

"... Individual differences are quantitative, not qualitative. Differences among persons are a matter of degree..." (p. 54) <sup>3</sup>

Se isso ocorre, poderemos inferir a grande importância do meio como fornecedor de estímulos e, do ponto de vista do desenvolvimento das potencialidades ocupacionais, a necessidade de ampliação das oportunidades e de experiências variadas, de modo que o acervo de capacidades inatas, uma vez despertado, possa responder, numa linha de atendimento, às exigências individuais mais genuínas.

A esse respeito se pronuncia STORR:

"... This positive type of identification is an argument for the widest possible type of education; for the school with a wide range of staff, nor private tutor; for the university in which every variety of opinion is represented, not the specialized technical institution. For the varieties of temperament and the differences in hereditary endowment are extensive, and the more people with whom the child and adolescent can come in contact, the more quickly is he likely to find himself..." (p. 103)

68

Chegada a adolescência, e nas proximidades do status adulto, o indivíduo sente-se, realmente, pressionado a uma tomada de decisão de ordem profissional.

A adolescência converte-se em um período mais definido

e consciente, e se transforma quase num estilo especial de vida entre a infância e a fase adulta (sub-cultura adolescente).

Pode suceder que, para manterem a integridade pessoal, alguns cheguem a se superidentificar, temporariamente, a ponto de diluírem sua verdadeira identidade no meio de heróis dos bandos e das multidões.

A fim de evitar a "difusão da identidade", os adolescentes procuram ajudar-se mutuamente, buscando vencer o desconforto da indecisão, agrupando-se com os amigos, estereotipando-se a si mesmos, a seus ideais e a seus inimigos.

(p. 290) <sup>54</sup>

As tentativas de orientação profissional adequada, à base de testes, questionários de interesse e entrevistas formais e fortuitas, não parecem conduzir os adolescentes a uma escolha segura no campo profissional. Caminhando paralelamente a orientação, ao longo da vida escolar, com a observação dos professores sobre o rendimento obtido pelo aluno na área propriamente intelectual e nas atividades tecnológicas, tende ela a se fazer de modo cada vez mais funcional.

Os desafios profissionais, decorrentes do surgimento de novos campos de trabalho, tornam os mais velhos - pais, professores, profissionais outros - sem condições satisfatórias de participar dessa orientação. Dados informativos completos constituem elementos fundamentais de um serviço vocacional eficiente.

De qualquer modo, não seriam unicamente essas medidas

escolha profissional. Conflitos mais profundos e necessidades sociais poderão interferir no norteamento da escolha. Identificações básicas, não fundadas nas exigências do eu e insatisfatoriamente operadas, poderão explicar a inadequação da escolha.

\* \* \*

Passaremos a estudar, mais amplamente, a identidade sexual, por considerá-la a base das demais identidades parciais.

"... El sentimiento de identidad sexual se basa en experiencias corporales desde la más temprana infancia hasta la adultez, correlativas de fantasías inconscientes muy complejas, de carácter libidinoso y agresivo en relación con sus objetos primarios, preedípicos y edípicos..." (p. 64) 35

Apesar da enorme divulgação dos trabalhos de FREUD, acerca da sexualidade infantil, dentro da nossa perspectiva não podemos deixar de rever certos conceitos fundamentais da sua obra em torno do assunto.

Nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" datado de 1905, encontramos o primeiro estudo sistemático acerca da sexualidade infantil. Desde 1894, o tema vinha sendo colocado, sofrendo acréscimos e revisões até 1923, sem, contudo, serem alterados os pressupostos fundamentais.

A razão porque o nosso estudo da sexualidade figura como um sub-capítulo da identidade social está no fato de que a consideramos uma atividade de tipo social, desde a

situação triangular do complexo de Édipo, com expressões so  
ciais no comportamento: rivalidade mesclada de medo e inveja.

Com MAHLER <sup>35</sup> admitimos que haja três momentos cruci  
ais na formação da identidade: a fase de separação-individu  
ação que se completa de um ano e meio a três anos; a fase  
de solução provisória da bissexualidade, na etapa fállica; e  
a segunda fase genital, na adolescência.

Estudaremos os processos que culminam com a conquista  
da identidade sexual, a partir dessa proposição de MAHLER.

Durante o 1º ano de vida, não se poderia falar em au-  
to-identidade, porquanto a relação simbiótica entre a crian  
ça e a mãe não permite a percepção de "ser separado". Ao es  
tudar a fase oral, FREUD refere-se a esse período, como uma  
continuação de si mesma. O controle alimentar, os afastam  
entos mais ou menos prolongados da figura materna, o con-  
tacto com a superfície cutânea de outro corpo, gradativamen  
te sentido como diferente do seu, vão permitindo à criança  
individualizar-se e estabelecendo um relacionamento de ca-  
rãter objetal.

Ao chegar ao período da satisfação e controle esfinc-  
teriano a criança vai adquirindo novas experiências de ana-  
tomia. A retenção e a expulsão dos excrementos, em perío-  
dos que melhor satisfazem as necessidades de manter ou de  
livrar-se dos objetos bons ou maus internalizados, contri-  
buem para o exercício da auto-percepção individual.

Como falamos anteriormente, a percepção gradativa de  
partes do corpo e a localização espacial de cada uma delas,  
fortalecem esse sentimento de "separação" da mãe e do mundo.

anteriormente percebida como indiferenciada e compacta.

Esse sentimento de identidade corporal, o contacto com as distintas partes do próprio corpo, a manipulação exploratória dessas partes, as gratificações decorrentes dos estímulos excitatórios, contribuem para o amadurecimento sexual da criança com a busca da atividade genital.

As estruturas vão-se integrando gradativamente, de modo que os prazeres orais e anais não desaparecem, mas centralizam-se em torno da atividade genital.

Esta parte do corpo humano, que mais tarde desempenhará importante papel na obtenção de gratificações fisiológicas mais completas, decisiva como estímulo para o processo de reprodução, começa a ser de grande significação para a criança.

Entretanto, vários fatores concorrem para que essas gratificações permaneçam em nível infantil e não tardem a entrar em latência:

- a) a economia libidinal. Os instintos que impulsionam a busca das satisfações, segundo o princípio do prazer, dada a incapacidade para obter gratificação completa, recrudescem;
- b) os diques estabelecidos pela cultura e denominados por FREUD - vergonha, repugnância e pudor - obstaculizam a atividade sexual e a conseqüente satisfação por ela buscada;
- c) as ocorrências traumáticas ou seja, a repressão do meio social à satisfação instintiva da criança, inibem a atividade sexual, muitas vezes marcando a criança de tal mo

- d) o tabu contra o incesto pode ser apontado como um dos fatores que interditam a atividade da libido sexual, tornando-se um real obstáculo à satisfação procurada. O fato de os primeiros objetos de amor da criança serem as figuras parentais, portanto objetos incestuosos, poderiam explicar a renúncia;
- e) as crenças errôneas da criança, a respeito da origem dos bebês, do fenômeno do parto, da relação misteriosa entre seus pais, e, sobretudo, as explicações insatisfatórias sobre os problemas de natureza sexual, fortalecem os "diques" anteriormente citados - os interditores morais dessas atividades;
- f) as interdições às atividades sexuais da infância manifestadas nos "instintos parciais" assim denominados por FREUD. Tais instintos seriam referentes aos prazeres de contemplação, exibição e crueldade, surgidos com certa independência das zonas erógenas, e que entrariam, mais tarde, em uma íntima relação com a vida genital, embora conservando-se independentes durante a infância, da atividade sexual propriamente dita.

À curiosidade manifestada pelos órgãos sexuais de outras pessoas, após um melhor conhecimento e exploração dos seus, poderia ligar-se a investigação e a comprovação de uma sexualidade definida, única ou distinta em ambos os sexos.

FREUD aludira, com relação a esse fenômeno, à crença das crianças de que todas as mulheres, como os homens, seriam possuidoras de pênis. Por isso, essa fase, denominada

falo, o ser ou não o falo, parece originar o conflito edipiano, a que FREUD atribui a importância de nódulo das neuroses.

Nos jogos sexuais, as crianças têm oportunidade de conjugar os impulsos investigação-exibição-contemplação.

A bissexualidade, afirmada por FREUD como caracterizando a infância, poderia ser exacerbada, no seu como no nosso meio, pela separação das crianças do ponto de vista sexual, de modo que, com os do próprio sexo, manteriam e desenvolveriam os seus impulsos eróticos, enquanto os reprimiriam em relação ao sexo oposto.

A investigação sexual da infância, por ser desenvolvida solitariamente, poderia constituir um primeiro passo para a orientação independente no mundo, separando a criança das pessoas que a cercam e que, antes, haviam conquistado toda a sua confiança.

As fantasias estariam relacionadas, inicialmente, tanto na 1a. como na 2a. fase genital, com o caráter bissexual ou indiferenciado da sexualidade imatura, podendo, contudo, definir-se em função da história pessoal e da experiência vivida. As pautas culturais terão notável influência no significado atribuído à feminilidade e à masculinidade dessas fantasias.

Como se vê, do mesmo modo que L. e R. GRINBERG notaram

"... La experiencia de la identidad sexual no descansa exclusivamente en la observación y comparación de los genitales propios e ajenos, sino que se complementa con la curiosidad acerca de



las actividades sexuales propias y de los demás..." (p. 65) 35

A crueldade que algumas crianças manifestam em relação aos animais ou a outras crianças poderia significar uma falta de capacidade ou obstáculo ao funcionamento de sentimento de compadecer-se.

"... con una independencia aún mayor del resto de la actividad sexual, ligada a las zonas erógenas, se desarrollan en el niño los componentes crueles del instinto sexual... la crueldad predomina durante toda una fase de la vida sexual, que más tarde describieron como organización pregenital..." (p. 794) 18

#### Contudo

"... la falta de la resistencia constituida por la compasión trae consigo el peligro de que esta conexión infantil de los instintos crueles con las zonas erógenas se conserve inmutable durante toda la vida..." (p.794) 18

A este sentimento de crueldade, esta ia relacionado o caráter sado-masoquista de que FREUD fala e, conseqüentemente, tais comportamentos viriam a vincular-se ao modo de ser individual - aspecto da identidade sexual, sem dúvida.

Embora FREUD não tenha estudado expressamente o problema da identidade, trazendo as suas valiosas contribuições para suporte das nossas reflexões, encontramos:

"... La normalidad resultaba de la represión de los instintos parciales y determinados componentes de las disposiciones infantiles y de la subordinación de los demás a

la primacia de las zonas genitales en servicio de la reproducción..." (p. 934) 18

\* \* \*

Procurando interpretar com maior fidelidade o pensamento de FREUD, LACAN parte da noção do "falo" como significante do desejo.

"... No existe, pues, una primacia genital, sino una primacia del "falo..." (p. 1187) 33

O que teria levado LACAN a concluir:

"... La phallus dans la doctrine freudienne n'est pas un fantasme, s'il faut entendre par là un effet imaginaire. Il n'est pas non plus comme tel que ce terme tend à apprécier la réalité intéressée dans une relation. Il est encore bien moins l'organe, pénis ou clitoris, qu'il symbolise. Et ce n'est pas sans raison que FREUD en a pris la référence au simulacre qu'il était pour les Anciens..." (p. 108) 47

O medo à castração e a inveja do pênis passariam a ser objeto de angústias, respectivamente nos meninos e nas meninas.

No início do conflito, o pênis seria tomado como o falo. Não se estabeleceria a luta entre feminilidade e masculinidade, porquanto todos desejariam ter ou manter o falo.

Assim sendo, o complexo de castração seria o nódulo

das neuroses, das psicoses e da constituição moral de uma identidade sexual, possibilitando

"... l'installation dans le sujet d'une position inconsciente sans laquelle il ne saurait s'identifier au type idéal de son sexe, ni même répondre sans de graves aléas aux besoins de son partenaire dans la relation sexuelle, voire accueillir avec justesse ceux de l'enfant qui s'y procrée..." (p. 103) 47

O "Outro", de que falara LACAN, seria constituído como o inconsciente, o palco onde se processaria tal conflito. O desejo seria o objeto de satisfação do indivíduo, sempre sentido como inalcançável.

O desejo distinguir-se-ia da necessidade pelo seu caráter paradoxal, errático, descentrado e escandaloso. Não seria nem o apetite da satisfação, nem a demanda de amor, mas a "Spaltung" - fenômeno de cisão do eu, encontrado facilmente no fetichismo e nas psicoses. Esta cisão resultaria em um conflito no seio do ego, de uma atitude psíquica voltada para a exigência da realidade exterior e outra que, negando esta realidade, colocaria em seu lugar o produto do desejo. Essas atitudes permaneceriam lado a lado, sem se influenciarem mutuamente.

Dentro da perspectiva lacaniana, no complexo de Édipo a criança passaria por três etapas:

1) na fase da relação "dual", operaria em nível imaginário. Seu relacionamento com a mãe visaria, não apenas, a obter os seus cuidados, mas oferecer-lhe o que lhe falta: o falo, objeto do desejo. No caso, a criança identificar-se-ia não com a própria mãe, mas com o obje-

to do desejo materno.

2) estabelecer-se-ia uma identificação secundária com a introjeção da imagem da figura parental do mesmo sexo. Isto se daria pōs o "encontro" da criança com a prōpria imagem rival, atravēs do espelho. Por intermēdio da mēe, a criança reconheceria no pai o representante da Lei e dele acolheria a dupla proibição: nāo desejar a mēe, nem conceder-lhe o falo.

O reconhecimento da Lei do Pai libertaria a criança de identificar-se ao falo e de ligar-se ā mēe pelo desejo.

"... Bien sūr, c'est de la loi introduite par le pēre dans cette sēquence que dēpend son avenir..."  
(p. 113) 47

Somente pela "palavra" da mēe se daria o reconhecimento do Pai como representante da Lei.

A instauração da Lei na mente da criança a introduz, segundo LACAN, no nīvel simbōlico.

3) A criança nāo mais desejaria "ser o falo", que daria ā mēe para realizar-lhe o desejo. Reconhecendo a autoridade do pai, desejaria "ter" o falo, e com isso equiparar-se āquele em poder. Contudo, no nīvel simbōlico, a criança sentiria a ameaça da castração e, em consequēncia, renunciaria ā luta, conduzindo seus impulsos sexuais ā latēncia.

"... Le phallus est le signifiant privilēgiē de cette marque oū la part du logos se conjoint ā l'avēnement du dēsir..." (p. 111)  
47

"... La aceptación de la posibilidad de la castración y el descubrimiento de que la mujer aparece castrada, puso, pues, un fin a las dos posibilidades de satisfacción relacionadas con el complejo de Édipo. Ambas traían consigo la pérdida del pene: la una, masculina, como castigo; la otra, femenina, como premisa. Si la satisfacción amorosa basada en el complejo de Edipo, ha de costar la pérdida del pene, surgirá un conflicto entre el interés narcisista por esta parte del cuerpo y la carga libidinosa de los objetos parentales. En este conflicto vence normalmente el primer poder y el Yo del niño se aparta del complejo de Edipo. ... Las cargas de objeto quedan abandonadas y sustituidas por identificaciones..." (p. 410) 25

Como afirmam L. e R. GRINBERG (p. 68) <sup>35</sup> o conflito edípico resolve-se pela identificação introjetiva da imagem positiva e permissiva do pai do mesmo sexo. Assim sendo, o estabelecimento da identidade implica numa renúncia ao sexo que não se tem. O indivíduo deve elaborar o "duelo" pela perda da sexualidade secundária e assim libertar-se da indiferenciação.

Não é sem razão, dentro de uma perspectiva psicanalítica, que ERIKSON considera a adolescência o momento crucial do estabelecimento da identidade.

Este período coincide com a 2a. fase genital estudada por FREUD e, conseqüentemente, com a revivescência do conflito edipiano da infância, não definitivamente liquidado por ocasião da latência.

As manifestações de caráter incestuoso receberiam, durante a adolescência, maiores condenações. É possível que

a força das condenações esteja relacionada, não apenas à maior capacidade dos adolescentes em assumir responsavelmente os impulsos, mas ao fato de estes impulsos estarem revigorados pela possibilidade concreta do fenômeno da reprodução.

"... Los resultados de la elección infantil de objeto alcanzan hasta épocas muy posteriores, pues conservan intacto su peculiar carácter o experimentan en la puberdade una renovación " ...  
(p. 798) <sup>18</sup>

A atenuação dos impulsos sexuais, que se verificaria no período de latência, faria fluir, de modo subjacente, a "corrente de ternura da vida sexual".

"... La elección de objeto en la época de la puberdade tiene que renunciar a los objetos infantiles y comenzar de nuevo como corriente sensual. La no coincidencia de ambas corrientes da con frecuencia el resultado de que uno de los ideales de la vida sexual, la reunión de todos los deseos en un solo objeto, no pueda ser alcanzado"... (p. 798) <sup>18</sup>

A propósito desse conflito entre as áreas afetiva e sexual, que acompanha a "crise" da adolescência, a psicologia clássica do desenvolvimento chega à conclusão da psicanálise.

De modo geral os estudiosos da psicologia do adolescente, BUHLER <sup>5</sup>, HURLOCK <sup>39</sup>, SPRANGER <sup>67</sup> acreditam que somente no final da adolescência, portanto, na juventude, os indivíduos se tornam capazes de estabelecer a unidade -

amor sentimental e atração sexual - em relação ao objeto da libido sexual. Até então, essas duas áreas permaneciam dissociadas, não podendo coincidir, numa mesma pessoa, os dois desejos. Frequentemente encontram-se adolescentes "apaixonados" por pessoas mais velhas, artistas, ídolos esportistas, sem manifestar impulsos sexuais dirigidos para os mesmos. O objeto de adoração sentimental é um; o de atração sexual, outro.

A conquista da identidade sexual consistiria, não apenas no fato de cada um assumir o papel destinado, pela cultura, ao seu próprio sexo, mas também, na associação dos impulsos eróticos com os sentimentos de ternura, dirigidos para um mesmo objeto.

A propósito das fantasias sexuais da puberdade, comenta FREUD:

"... En estas fantasias resurgen en todos los hombres las tendencias infantiles, ahora fortificadas por la energía somática, y, entre ellas, con frecuencia, y en primer lugar, la impulsión sexual del niño hacia sus padres, diferenciada, en la mayoría de los casos, por la atracción de los sexos; esto es, del hijo por la madre y de la hija por el padre."... (p. 810) 18

FREUD observa que muitos adolescentes permanecem presos à autoridade paterna, por não haverem conseguido retirar deles, por completo, a sua ternura. Do mesmo modo, outros, que procuraram evitar sua fixação incestuosa, revelam a profundidade dessa ligação na escolha dos objetos sexuais após a puberdade:

"... como suele ser muy frecuente, el primer amor del adolescente recae en una mujer ya madura, así como el de la muchacha en un hombre entrado en años y revestido de autoridad, o sea, en uno y otro sexo, personas que para el sujeto presentan analogía con la madre o el padre, respectivamente." (p. 811) 18

A dificuldade de uma satisfatória conquista de identidade sexual, na perspectiva freudiana, tornar-se-ia mais complexa no caso das meninas.

"... La puberdad, que produce en el niño aquel grave avance de la libido de que ya tratamos, se caracteriza en la niña, por una nueva ola de represión que recae precisamente sobre la sexualidade clitoridiana". (807) 18

A transferência da zona de excitabilidade sexual do clitoris para a vagina, exigiria algum tempo para verificarse. Essa nova repressão, que ocorre na puberdade feminina, fortificaria os "diques" - vergonha, pudor, repugnância - e elevaria a excitabilidade da libido, recaindo com toda a força na mulher, que passa a reagir, negando-se ao homem e rechaçando sua própria sexualidade. A mudança, no sexo feminino, da zona diretiva e a repressão sexual sofrida pela mulher poderão exercer influência no seu comportamento feminino ulterior, portanto, no seu sentimento de identidade. É um aspecto do problema intimamente ligado com a essência da feminilidade. 18,20

As pautas culturais, que diferenciam rigorosamente os indivíduos em função de comportamentos de homem ou de mulher, provocam o surgimento de tensões, pelo não atendimen-



to satisfatório às disposições temperamentais de cada um. Não há porque, como observa MEAD <sup>53</sup>, atribuir à mulher caracteres de passividade, de sentimentalismo e ao homem, de violência, tenacidade, iniciativa e vice-versa. Esses traços temperamentais não estão necessariamente ligados a um determinado sexo e quando o são, é por arbitrariedade da cultura. Além disso, observara FREUD:

"... ni desde el punto de vista psicológico, ni desde el biológico, es posible hallar entre los hombres la pura masculinidad o la pura feminidad. Todo ser humano presenta, en efecto, una mezcla de sus caracteres sexuales biológicos con caracteres biológicos del sexo contrario, así como de actividad y pasividad ..."  
P. 807)

ERIKSON <sup>6</sup>, estudando desenhos feitos por crianças de ambos os sexos, encontrou temas repetidos, que o autorizaram a identificar as produções gráficas como provenientes de indivíduos de determinado sexo. (p. 220) <sup>6</sup>

Ao lado das cenas atípicas havia, nos desenhos das meninas: mulheres carregadas de adornos, desenhos de interiores contendo móveis, pessoas, animais. Os meninos revelavam preferência por personagens armadas de revólveres, espadas e metralhadoras; cenas de exteriores, geralmente edifícios altos, com saliências em formas de cones e de cilindros; animais e objetos automotrizes; ruas movimentadas.

Apesar da confiança que ERIKSON manifesta nas suas experiências de identificação sexual através dos desenhos, mostra-se previdente quanto à relatividade dos determinantes

te anatômicas, como as interpretações exclusivamente culturais, podem ser insatisfatórias, deixando muitas perguntas sem respostas.

O problema da identidade sexual, portanto, envolve re conhecimento de e conformação ativa a, padrões definidos, biológicos, afetivos e culturais.

### CONCLUSÃO

Estudamos a identificação e a identidade como fenômenos correlatos, encontrados no processo de formação do eu.

Consideramos que ambas apresentam, em diferentes épocas do ciclo vital, configurações estáveis e dinâmicas, que as tornam presentes, independentemente da idade do indivíduo. Ilustrações tiradas da vida de FREUD e de W. JAMES, apresentadas por ERIKSON, mostram como, em qualquer momento, a pessoa está sujeita a re-identificações e à organização de novas estruturas de identidade.<sup>6</sup>

Os processos de introjeção e de projeção apresentam-se simultâneos e básicos, na identificação aos objetos externos, tanto em relação a aspectos parciais como totais desses objetos.

Incorporação e internalização, sobretudo, ocupam um papel relevante dentro da introjeção. As analogias entre o comportamento canibal na infância e nos povos indígenas evidenciam os pontos de convergência das condutas de tipo primitivo, a partir de manifestações da fase oral do desenvolvimento da libido.

Contudo, vemos o predomínio da identificação projetiva sobre a identificação introjetiva, como característica do processo de identificação patológico.

Tomamos de ERIKSON o sentido de "crise" da identidade, sem conotá-lo a experiência catastrófica, mas como um momento crucial, a partir do qual o desenvolvimento toma uma ou outra direção, acumulando recursos, para utilizá-los ulteriormente, de maneira mais diferenciada e integrada.

De acordo com aquele autor, consideramos o período que sucede a adolescência o mais favorável e exigente em relação à conquista da identidade.

Situamos a construção da identidade como um longo processo; daí porque a sociedade concede ao adolescente uma espécie de "moratória" para organizar-se e aprender os padrões de conduta exigidos pela sociedade adulta. Assim procedem as culturas de tipo primitivo - sociedades homogêneas e indiferenciadas - ainda existentes, como também as comunidades modernas mais desenvolvidas e heterogêneas, embora por vezes ambivalentes.

Vemos que a estruturação do sentimento de identidade, tipicamente individual, está sujeita a influências do meio social.

Sentimos a presença das "dicotomias" no estabelecimento das identidades individuais como reflexos da dicotomia social. Ressaltamos essa polarização apresentada por FREUD em torno do sexual, ao estudar a problemática do homem ocidental da sua época - a diferença, nas pautas culturais,

e partir da distinção entre conduta feminina e masculina . A "cultura" estabeleceria o padrão e, os indivíduos, dependendo da flexibilidade e tolerância do seu meio, procurariam cumprí-lo segundo uma forma mais condizente com a sua feição particular.

Estudamos os vñculos da identidade - espacial, temporal e social - e as suas relações com aspectos parciais da identidade. Tomamos a conquista da identidade corporal e sexual como base das demais identidades parciais.

De acõrdo com as nossas considerações, observamos que auto-identidade pode ser tomada como sinõnimo de individualização, e que esses termos análogos pressupõem a introjeção de padrões culturais, responsáveis pela unidade relativa do pensar e do agir humanos.

Vemos, ainda, que a identificação apresenta estreita analogia com o processo educativo, assim como a identidade com a educação "in factõ esse". Referem-se ao fenômeno da formação do eu, a um processo de formação da personalidade, a um processo de socialização do indivíduo. E, numa perspectiva personalista, sentimo-nos desafiados a conseguir a adaptação social, sem ferir o aspecto singular e criativo da individualidade.

O caráter dialético da identificação e da identidade poderia ser explicado como um fenômeno de "assimilação" de padrões constitutivos do eu, e como um processo, concomitante ou simultâneo, de descartes sucessivos e/ou de oposição às identificações anteriores. De modo que, identificação significaria aceitação; e identidade, oposição e síntese .

A dialética também se processaria dentro da própria identificação e da própria identidade. Daí o caráter mais uma vez dialético de ambas: plasmatividade e seletividade, resultantes de aceitação, oposição e sínteses sucessivas.

Tanto identificações frágeis como exageradamente fortes podem conduzir a fracos sentimentos de identidade.

Qualquer obstáculo ao longo do processo de identificação pode conduzir o indivíduo a regressões, a paradas ou ao prosseguimento comprometido das suas re-identificações.

A gravidade da patologia da identidade (identidade negativa, confusão de identidade, pseudo-identidade, identidade frágil) pode-se explicar pela intensidade do estímulo inibidor e, também, em função da fase do desenvolvimento vital em que se deu a dificuldade. Quanto mais cedo se verificar a perturbação no processo de identificação, mais grave será a patologia ulteriormente apresentada.

Em síntese:

- 1 - Identificação e identidade são processos correlatos e estão igualmente sujeitos à influência do ambiente cultural;
- 2 - Identificação e identidade podem ser tomadas como processos, enquanto se encontram em "devenir", e, como estruturas mais ou menos definidas, nos momentos em que se apresentam configurações de comportamentos mais ou menos estáveis;
- 3 - Identificação, identidade e educação são processos permanentes, com características comuns;

4 - Embora o indivíduo seja "uno" e a identidade lhe confi

ra um sentimento de mesmidade e de continuidade em relação ao seu grupo, os aspectos parciais de sua personalidade podem ser tomados como aspectos parciais da sua identidade.

Assim sendo, podemos afirmar que não há descontinuidade entre os estudos de identificação realizados por FREUD e os estudos de identidade de ERIKSON. Tais estudos necessariamente se complementam, como se representassem pontos sucessivos de um "continuum" induzindo de modo inevitável a um enfoque psicanalítico.

## BIBLIOGRAFIA

- 1 - ABERASTURY, A. y colaboradores Adolescencia. Kargieman. B. Aires, (1971)
- 2 - ABERASTURY, A. y Knobel, M. La adolescencia normal. Paidos. B. Aires, (1970)
- 3 - ANASTASE, ANNE Differential Psychology. The Mac Millan Company, N.Y. (1958)
- 4 - BLEGER, Jose Simbiosis y ambigüidad. Paidos. B. Aires, (1972)
- 5 - BUHLER, Charlotte La vida psíquica del adolescente. Espasa-Calpe. B. Aires, (1950)
- 6 - ERIKSON, Erik H. Identidad, juventud y crisis. Paidos. B. Aires, (1971)
- 7 - ERIKSON, Erik H. Infância e sociedade. Zahar. R. de Janeiro, (1971)
- 8 - FAIRBAIN, W. Ronald D. Estudio psicoanalítico de la personalidad. Paidos. B. Aires, (1970)
- 9 - FREUD, Anna El yo y los mecanismos de defensa. Paidos. B. Aires, (1949)
- 10 - FREUD, Anna Infância normal e patológica. Zahar. R. de Janeiro, (1971)
- 11 - FREUD, Sigmund "Introducción al narcisismo" (1914), in Obras Completas. Vol. I. Biblioteca Nueva. Madrid, (1948)
- 12 - FREUD, Sigmund "La aflicción y la melancolía" in Obras Completas. (1913 a 1917) Vol. I. Biblioteca Nueva. Madrid, (1948)
- 13 - FREUD, Sigmund "Carta a Wilhelm Fliss de 8.2.97" in Obras Completas. Vol. 22. Rueda. B. Aires, (1956)
- 14 - FREUD, Sigmund "Manuscrito L, Notas I in Obras Completas. Vol. 22. Rueda. B. Aires, (1956)
- 15 - FREUD, Sigmund "La identificación" (1921) in Obras Completas. Vol. I. Biblioteca Nueva. Madrid, (1948)

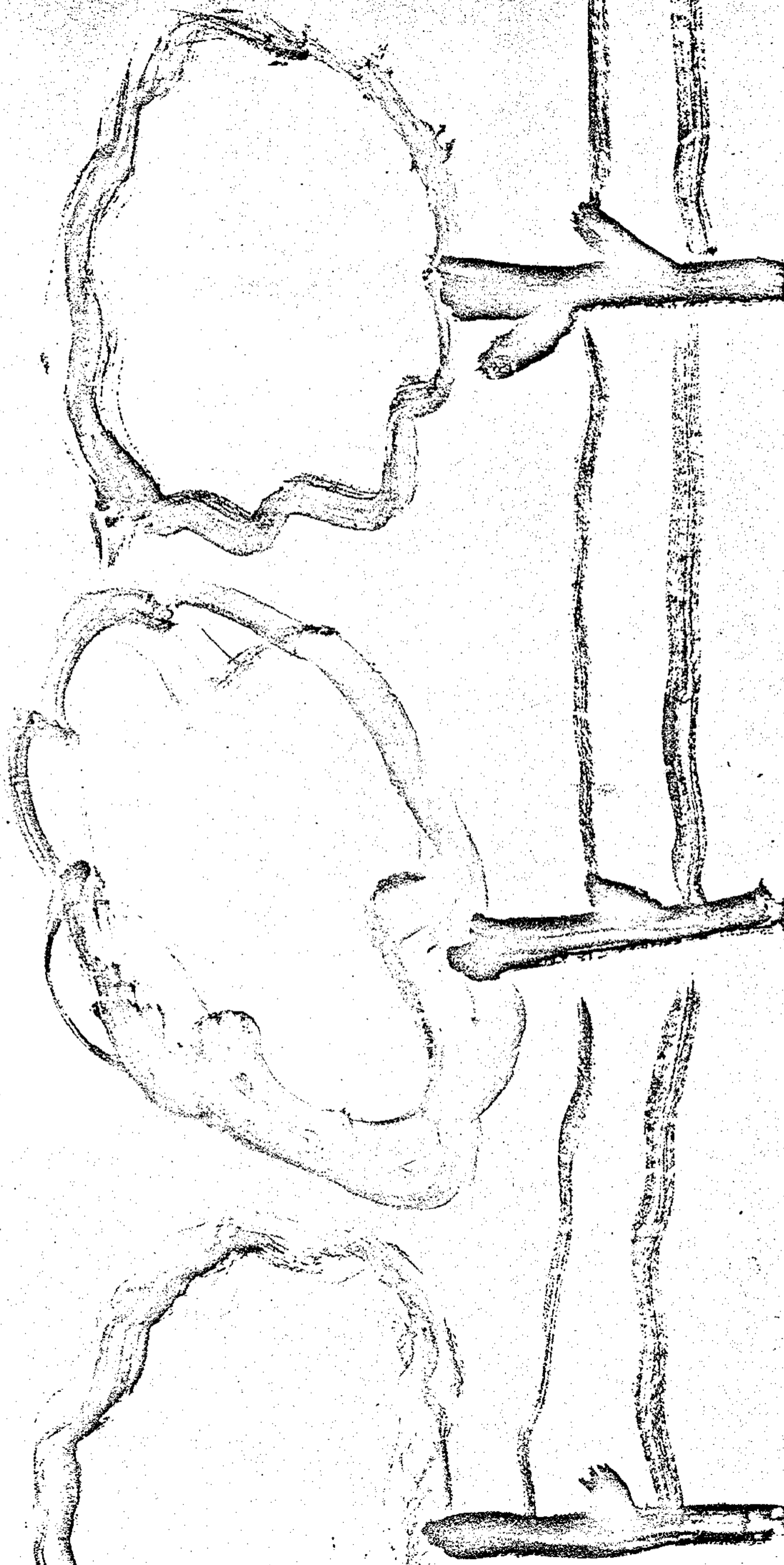


- 16 - FREUD, Sigmund "Una fase del yo" in Obras Completas. (1921) Vol. I. Biblioteca Nueva. Madrid, (1948)
- 17 - FREUD, Sigmund "El alma colectiva" (1921) in Obras Completas. Vol. I. Biblioteca Nueva. Madrid, (1948)
- 18 - FREUD, Sigmund "Una teoria sexual" (1905) in Obras Completas. Vol. I. Biblioteca Nueva. Madrid, (1948)
- 19 - FREUD, Sigmund "Ensayos sobre la vida sexual y la teoria de las neurosis" (1906) in Obras Completas. Vol. I. Biblioteca Nueva. Madrid, (1948)
- 20 - FREUD, Sigmund "La feminidad" (1915) in Obras Completas. Vol. II, IX,6. Biblioteca Nueva. Madrid, (1948)
- 21 - FREUD, Sigmund "El carácter y el erotismo anal" in Obras Completas. Vol. II, VII, 6,G. Biblioteca Nueva. Madrid, (1948)
- 22 - FREUD, Sigmund "Totem e tabu" (1913) in Obras Completas. Vol. II. Biblioteca Nueva. Madrid, (1948)
- 23 - FREUD, Sigmund "Teoria sexual" (1916) in Obras Completas. Vol. II,4, E e F. Biblioteca Nueva. Madrid, (1948)
- 24 - FREUD, Sigmund "El delincuente por sentimiento de culpabilidad" in Obras Completas. Vol. II, XIII,8,III. Biblioteca Nueva. Madrid, (1948)
- 25 - FREUD, Sigmund "El final del complejo de Edipo" (1924) in Obras Completas. Vol. II, V,3. Biblioteca Nueva, Madrid, (1948)
- 26 - FREUD, Sigmund "La interpretación de los sueños" (1901) in Obras Completas. Vol. I, Iv. Biblioteca Nueva, Madrid, (1948)
- 27 - FREUD, Sigmund "Los sueños" (1916) in Obras Completas. Vol. II, II,3. Biblioteca Nueva. Madrid, (1948)
- 28 - FREUD, Sigmund "Observaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia" (1925) in Obras Completas. Vol. II, VIII,5. Biblioteca Nueva. Madrid, (1948)

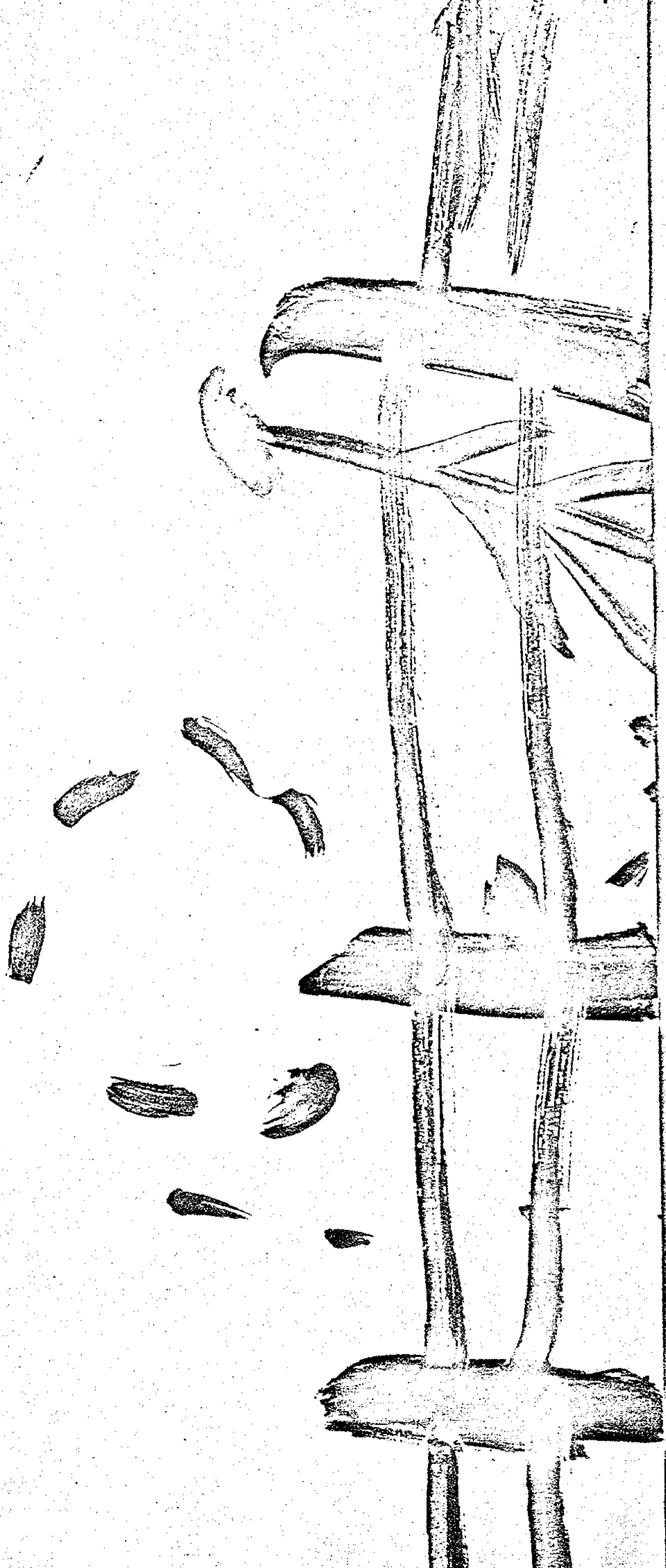
- 29 - FREUD, Sigmund "La aflicción y la melancolía" in Obras Completas. Vol. I, X. Biblioteca Nueva. Madrid, (1948)
- 30 - FREUD, Sigmund "El yo y el ello" (1923) in Obras Completas. Vol. I, XV. Biblioteca Nueva. Madrid, (1948)
- 31 - FREUD, Sigmund "Mas allá del principio del placer" in Obras Completas. Vol. I, XII. Biblioteca Nueva. Madrid, (1948)
- 32 - FREUD, Sigmund "Discurso a los miembros de la Sociedad B'Nai B'rith" in Obras Completas, Vol. 21. Rueda. B. Aires, (1955)
- 33 - FREUD, Sigmund "La organización genital infantil" in Obras Completas. Vol. I. Biblioteca Nueva, Madrid, (1948)
- 34 - FRIEDLANDER, K. Psicoanálisis de la delincuencia juvenil. Paidós. B. Aires, (1956)
- 35 - GRINBERG, Leon e Rebeca Identidad y cambio. Kargieman. B. Aires, (1971)
- 36 - GRINBERG, Leon Culpa y depresión. Paidós. B. Aires, (1971)
- 37 - GUNTRIP, Harry Estructura de la personalidad e interacción humana. Paidós. B. Aires, (1965)
- 38 - HARTMAN, Heinz Psicología do ego e o problema da adaptação. BUF, R. de Janeiro, (1968)
- 39 - HURLOCK, Elisabeth B. Psicología de la adolescencia. Paidós. B. Aires, (1961)
- 40 - JAMES, H. The Letters of William James. Vol. I. The Atlantic Monthly Press. Boston, (1920)
- 41 - JOLIVET, Regis Psicología in Tratado de filosofía. Agir, R. de Janeiro, (1963)
- 42 - JONES, Ernest Vida y obra de Sigmund Freud. Vol. II. Nova. B. Aires, (1960)
- 43 - KLEIN, M. El psicoanálisis de niños. El Ateneo. B. Aires, (1948)

- 44 - KLEIN, M. e outros Os progressos da psicanálise. Zahar. R. de Janeiro, (1969)
- 45 - KLEIN, M. e Riviere, J. Amor, ódio e reparação. Imago. R. de Janeiro, (1970)
- 46 - KLEIN, M. y otros Nuevas direcciones en psicoanálisis. Paidós. B.Aires, (1965)
- 47 - LACAN, Jacques "La signification du phallus" in Écrits II. Éditions du Seuil. Paris, (1971)
- 48 - LACAN, Jacques "Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je" in Écrits I Éditions du Seuil. Paris, (1971)
- 49 - LAPLANCHE, J. y PONTALIS, J.B. Vocabulaire de la psychanalyse. PUF. Paris, (1971)
- 50 - LEWIN, Kurt Teoria del campo y experimentación en psicología social in Boletín del Instituto de Sociología. Cuaderno 10. Pags. 11-142. Tomo XI, (1958) Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de B.Aires.
- 51 - MAUCO, Georges Éducación de la sensibilidad en el niño. Aguilar, (1964)
- 52 - MEAD, Margaret Adolescencia y cultura en Samoa. Paidós. B.Aires, (1961)
- 53 - MEAD, Margaret Sexo y temperamento. Paidós. B.Aires, (1961)
- 54 - MURRAY/SCHNEIDER Personalidade na natureza, na sociedade e na cultura. Itatiaia. B. Horizonte, (1965)
- 55 - NEIL, A.S. Liberdade sem medo. Ibrasa. S. Paulo, (1966)
- 56 - PIAGET, Jean Seis estudos de Psicologia. Forense. Rio, (1971)
- 57 - PIAGET, M. Les relations entre l'affectivité et l'intelligence dans le développement mental de l'enfant. C.D.U. Sorbonne, Paris, (1958)
- 58 - RAPAPORT, David La estructura de la teoria psicoanalítica. Paidós. B.Aires, (1971)

- 59 - ROCHA, Z. e Dantas, D. "Sobre a relação entre as atitudes dos pais e os sintomas neuróticos dos filhos. In Anuário da Faculdade de Filosofia do Recife. (1957) p. 139 a 188
- 60 - ROGERS, Carl Tornar-se pessoa. Moraes, (1970)
- 61 - RUINTENBEEK, H.M. El individuo y la muchedumbre. Paídos. B.Aires, (1967)
- 62 - SCHECTER, David Identification and Individuation Scarsdale, N. York, (1965) nao impresso)
- 63 - SEGAL, Hanna Introdução à obra de Melanie Klein. Comp. Editora Nacional. S. Paulo, (1966)
- 64 - SPITZ, René El primer año de vida del niño. Aguilar. Madrid, (1972)
- 65 - SPITZ, René No y si. Hormé. B.Aires, (1972)
- 66 - SPITZ, René La formacion del yo. Centro Editor de America Latina. B.Aires, (1968)
- 67 - SPRANGER, E. Psicologia de la edad juvenil. Castilla. Madrid, (1960)
- 68 - STORR, Anthony The integrity of the personality . Penguin Books, (1966)
- 69 - WINNICOTT, D.W. De la pédiatrie à la psychanalyse . Payot. Paris, (1969)
- 70 - WINNICOTT, D.W. Processus de maturation chez l'enfant. Payot. Paris, (1970)

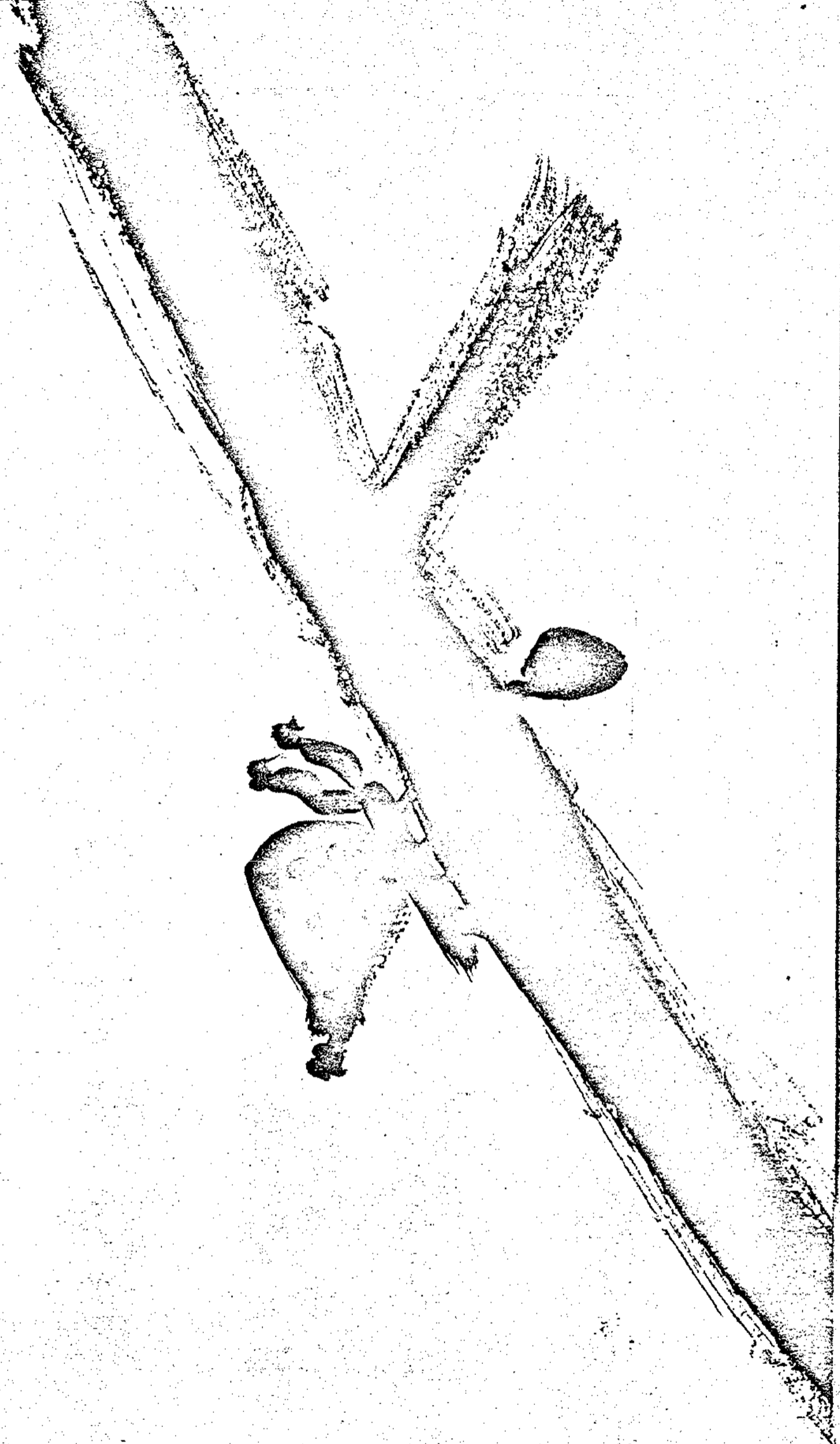


65



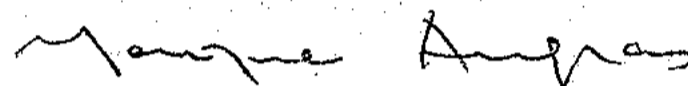






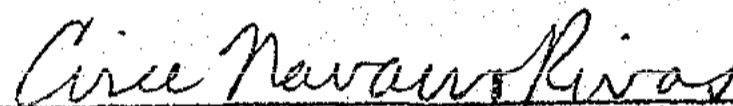


Tese apresentada no Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:



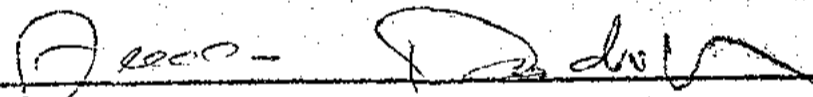
---

Profa. Monique Augras



---

Profa. Circe Navarro Rivas



---

Prof. Aroldo Rodrigues

Aprovada e permitida a impressão

Rio de Janeiro, agosto de 1974.

---

Coordenador dos Programas de Pós-graduação e Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas